

XCLUSIVE

FEED & FOOD

INFORMAÇÃO QUE ALIMENTA O FUTURO



Ano 18
nº 214
Fev/2025

ENTREVISTA
DO MÊS
AS PRIORIDADES
DE ROBERTO
PEROSA À FRETE
DA ABIEC

BALANÇO
DESEMPENHO
E PROJEÇÕES
DAS ATIVIDADES
BRASILEIRAS



EQUILÍBRIO ENTRE PRODUÇÃO E BIODIVERSIDADE

AO LIDERAR DIVERSAS INICIATIVAS NO CAMPO ESG, BRASIL REFORÇA SEU COMPROMISSO NESTA AGENDA AO GERIR **MAIS DE 18 MILHÕES DE HECTARES COM PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS** E GARANTIR ALIMENTOS SEGUROS PARA A POPULAÇÃO GLOBAL

We are experts in Fermentation



With a capacity of over 10000 m³, Huvepharma® has one of the largest fermentation capacities in Europe





ANO 18 - EDIÇÃO Nº 214 - FEV 25

FUNDADOR

Oswaldo Ciasulli
osvaldo@dc7comunica.com.br

CEO

Diogo Ciasulli
diogo@dc7comunica.com.br

EDITORA

Valeria Campos (MTb 81.105)
valeria@dc7comunica.com.br

JORNALISTA

Glauca Bezerra (MTb 80.373)
glauca@dc7comunica.com.br

EDITORA WEB

Camila Santos (MTb 39.770)
camila@dc7comunica.com.br

REPÓRTER WEB

Felipe Machado
felipe@dc7comunica.com.br

EDITOR DE ARTE

Daniel Guedes (MTb 33.657)
daniel@dc7comunica.com.br

GERENTE GERAL

Tatiane Amor
tatiane@dc7comunica.com.br

FINANCEIRO

Jaqueline Ridolfi
jaqueline@dc7comunica.com.br

COLABORADORES DA EDIÇÃO

ABCC, Ariovaldo Zani, Fabio Pereira,
José Luiz Tejon, Mauricio Moraes
e Murilo Piva

Portal de notícias:

www.feedfood.com.br

Revista on-line gratuita:

www.revistafeedfood.com.br

A Revista Feed&Food é uma publicação brasileira, editada em português, com editorial dirigido a toda agroindústria de proteína animal, incluindo associações do segmento, universidades, sindicatos e o MAPA, na defesa da segurança alimentar e sustentabilidade. Os artigos assinados e informes publicitários não expressam necessariamente a opinião dos editores. Não é permitida a reprodução parcial ou total de reportagens e artigos publicados sem a autorização por escrito dos editores.

Registro: ISSN 1809-3027 Periodicidade: Mensal



EDITORIAL

UM SETOR FORTALECIDO E PRONTO PARA 2025

Os números falam por si. O desempenho dos setores de aves, suínos, aquicultura e bovinos de corte e leite ao longo de 2024 reflete um mercado sólido, que enfrentou desafios, mas mostrou resiliência e capacidade de crescimento. Nesta edição, apresentamos um levantamento detalhado dos principais indicadores que marcaram o último ano e a tendência é clara: eficiência produtiva, inovação e expansão de mercados seguem como pilares fundamentais para a competitividade global.

Também realizamos uma entrevista exclusiva com Roberto Perosa, novo presidente da Abiec, que compartilha sua visão sobre o futuro da carne bovina brasileira e o desafio de fortalecer a presença do Brasil em mercados estratégicos e elevar ainda mais o patamar da proteína bovina no cenário internacional.

Em tempo, quero compartilhar com vocês uma prévia da nossa cobertura da International Production & Processing Expo (IPPE) 2025, que será publicada na edição de março da revista **Feed&Food**. Por lá, vimos um evento marcado por debates estratégicos e inovações que ditarão o ritmo do setor nos próximos meses. A presença brasileira, reunida no espaço Brasil, organizado pela Associação Brasileira da Indústria de Insumos Farmacêuticos (Abiquifi), foi um dos destaques no evento e reforçou a relevância do país na cadeia global de proteína animal. Os encontros e parcerias firmados na feira indicam um ano promissor, com investimentos direcionados à tecnologia, sustentabilidade e eficiência produtiva.

O balanço que fica desta edição e das impressões do IPPE é um setor que avança com otimismo, pronto para crescer ainda mais em 2025.

Boa leitura,



Diogo Ciasulli
CEO Feed&Food

SUMÁRIO



20

CAPA

O EQUILÍBRIO DO
BRASIL NA HORA
DE PRODUIR E
PRESERVAR

ENTREVISTA DO MÊS

06 AS PRIORIDADES DE ROBERTO PEROSA À FRENTE DA ABIEC

AGRO INOVAÇÃO

08 SCP (SINGLE-CELL PROTEIN): PROMISSORA FONTE ALTERNATIVA

SOLUÇÕES PWC

12 AS CONDIÇÕES CLIMÁTICAS E A COMPETITIVIDADE DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

FEED

14 UM BALAÇO DA INDÚSTRIA DE RAÇÃO ANIMAL EM 2024

ABIQUIFI NEWS

18 PELA PRIMEIRA VEZ NA VIV ASIA, ASSOCIAÇÃO FOCA EM ABRIR MERCADOS PARA O BRASIL

VITRINE AGRO

28 BEM-VINDO (AOS DESAFIOS E AS EMOÇÕES DE) 2025

AVES & SUÍNOS

30 RECORDES PARA AS ATIVIDADES BRASILEIRAS, SEGUNDO A ABPA

COBERTURA

34 CONBRASFRAN DESTACA DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA O SETOR EM 2025

36 AS ESTRATÉGIAS QUE ESTÃO ALAVANCANDO A PECUÁRIA VERDE E AMARELA

10

ESPECIAL

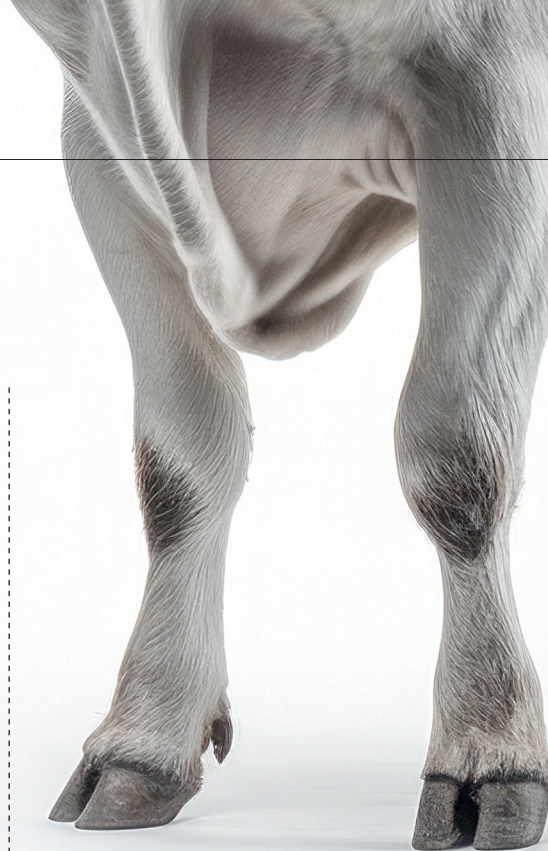
OS POSSÍVEIS EFEITOS DO GOVERNO TRUMP NO AGRO VERDE E AMARELO



16

GRÃOS

BRASIL PROJETA SAFRA RECORDE DE GRÃOS EM 2025



BOVINOS

40 OS NOVOS RUMOS DA PECUÁRIA BRASILEIRA EM 2025

LEITE

44 DESEMPENHO DO SETOR E PERSPECTIVAS

PEIXES

48 BRASIL AVANÇA COM RECORDES EM EXPORTAÇÃO E INOVAÇÃO

CAMARÃO

52 OS NÚMEROS DA CARCINICULTURA BRASILEIRA

ABCC NEWS

56 PESQUISADORES APRESENTAM INOVAÇÃO NA PRODUÇÃO DE ACTIVE FEED

MKT DO AGRO

58 GIGANTESCA OPORTUNIDADE DE POSICIONAMENTO DO BRASIL PERANTE O MUNDO

UM NOVO PATAMAR PARA A CARNE BOVINA

AGORA COMO **PRESIDENTE DA ABIEC**, **ROBERTO PEROSA** ALMEJA ELEVAR A RÉGUA DA PROTEÍNA ANIMAL PARA FORTALECER A PRESENÇA DO BRASIL EM MERCADOS ESTRATÉGICOS: "QUERO DEIXAR COMO LEGADO UM SETOR MAIS INTEGRADO, COMPETITIVO E PREPARADO PARA ATENDER ÀS DEMANDAS GLOBAIS"

VALERIA CAMPOS

valeria@dc7comunica.com.br

Formado em Direito, Roberto Perosa iniciou sua carreira profissional no escritório de advocacia, mas sua trajetória ganhou outro rumo com o passar dos anos. Depois de se dedicar a sua área de formação, Perosa migrou para o agronegócio, onde trabalhou por um longo período no setor sucroenergético.

Mais adiante, surgiu uma oportunidade no governo - sendo a mais recente no MAPA. Dentro do ministério, Perosa teve como missão desenvolver a área comercial internacional e essa meta foi concluída com bastante êxito: "Agora, enfrento um novo desafio: levar a atividade de carne bovina a

um próximo patamar, tanto no âmbito nacional quanto no internacional”.

Os mais de 20 anos de dedicação ao setor agropecuário foram essenciais para Perosa realizar diversos feitos no setor. E, neste momento, como presidente da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec), a internacionalização crescente da associação fará parte de sua agenda prioritária.

Na sequência, confira a entrevista completa com o novo presidente.

REVISTA FEED&FOOD - Você esteve à frente da Secretaria de Comércio e Relações Internacionais do MAPA por quase dois anos. Como foi essa experiência? E quais foram seus principais feitos à frente da pasta? Roberto Perosa - Foi uma experiência enriquecedora representar o Brasil, especialmente em um setor tão importante e estratégico como o agropecuário, que movimenta significativamente a nossa economia. Essa vivência foi extremamente positiva, permitindo-me conhecer diversos países, negociar com autoridades estrangeiras, compreender as demandas específicas de cada nação e, ao mesmo tempo, evidenciar a extraordinária capacidade de entrega do Brasil em sua produção agropecuária.

Ao acumular toda essa bagagem, quais aprendizados adquiridos no MAPA você acredita que serão fundamentais para liderar a Abiec? Acredito que a resiliência seja o principal ponto. O mercado internacional é extremamente competitivo, e precisamos dessa qualidade para continuar produzindo bem e entregando um produto de excelência, como a carne bovina brasileira. Além disso, o trabalho em grupo é essencial para que possamos alcançar nossos objetivos com sucesso.

Neste novo desafio, quais são suas prioridades iniciais para fortalecer a presença da carne bovina brasileira nos mercados globais? A internacionalização crescente da Abiec é um ponto central. A abertura de três novos escritórios estratégicos - em Washington, Bruxelas e Beijing, na China - é fundamental para consolidar a liderança do Brasil na exportação mundial de carne bovina. Além disso, ampliar a participação em feiras interna-



“ A ABERTURA DE TRÊS NOVOS ESCRITÓRIOS ESTRATÉGICOS - EM WASHINGTON, BRUXELAS E BEIJING - É FUNDAMENTAL PARA CONSOLIDAR A LIDERANÇA DO BRASIL NA EXPORTAÇÃO MUNDIAL DE CARNE BOVINA ”

cionais e comerciais é essencial para dar maior visibilidade aos associados da Abiec e destacar a qualidade e excelência da carne bovina brasileira.

E dentro dessa agenda, como você pretende alinhar as demandas do setor exportador com as crescentes exigências de sustentabilidade e bem-estar animal? Estamos muito convictos do excelente trabalho realizado no campo e pela pecuária nacional, em parceria com a indústria, dentro de uma relação de ganha-ganha que fortalece ambos os lados. Esse esforço conjunto é essencial para que possamos, cada vez mais, demonstrar aos mercados internacionais e também ao público nacional a sustentabilidade da nossa produção. Seja com o início da rastreabilidade individual, seja com o compromisso de não aceitar animais oriundos de terras desmatadas ilegalmente, estamos confiantes de que conseguiremos comprovar toda a sustentabilidade que caracteriza a produção brasileira.

Entre os mercados exportadores, há algum que você considera prioritário e com maior potencial para impulsionar os volumes exportados? Sim, há mercados prioritários com grande potencial para impulsionar os volumes exportados. Entre eles, destaco quatro aberturas que serão fundamentais para a Abiec e para o setor como um todo: Japão, Vietnã, Turquia e Coreia do Sul. Esses mercados representam aproximadamente 30% da demanda global por carne bovina, mas o Brasil ainda não está autorizado a exportar para esses destinos. Por isso, um trabalho conjunto entre a Abiec, o setor produtivo, a Apex Brasil, o Ministério da Agricultura e Pecuária e o Itamaraty é indispensável para superar essas barreiras e abrir novas oportunidades, fortalecendo a presença brasileira nesses mercados estratégicos.

Por fim, qual legado você pretende construir e deixar marcado durante sua gestão? Meu objetivo é consolidar o reconhecimento global da qualidade da carne bovina brasileira e avançar ainda mais na sua internacionalização. Isso inclui a abertura de novos mercados e a criação de oportunidades que beneficiem todos os produtores brasileiros, desde o pecuarista até a indústria da carne bovina. Quero deixar como legado um setor mais integrado, competitivo e preparado para atender às demandas globais, sempre destacando a excelência da nossa produção. ■



SCP (SINGLE-CELL PROTEIN): PROMISSORA FONTE ALTERNATIVA

No início deste ano, recebi a solicitação de um cliente para analisar algumas fontes de Single-Cell Protein (SCP) para uso em nutrição animal. Inicialmente, imaginei que produtos à base de SCP ainda estivessem distantes da aplicação prática na América Latina. No entanto, ao investigar o tema, fui surpreendido por iniciativas que já estão em andamento e ganhando relevância no cenário das proteínas alternativas.

Para entender melhor o assunto, a SCP refere-se a proteínas obtidas a partir de diversos microrganismos, como leveduras, fungos, algas e bactérias, cultivados em biorreatores alimentados com fontes de carbono. Esta tecnologia surge como uma alternativa promissora para atender à crescente demanda global por alimentos sustentáveis, pois permite a produção proteica utilizando uma ampla variedade de substratos, incluindo resíduos agrícolas e subprodutos industriais.

As SCP's estão sendo utilizadas como alternativa para a formulação de rações e suplementação animal. Em alguns países, já substituem a farinha de peixe na nutrição de espécies aquáticas, em outros, são consideradas como uma alternativa viável ao farelo de soja para aves e vêm ganhando aceitação também nos produtos pet food. À medida que as pesquisas avançam, o potencial da SCP em impactar a indústria torna-se ainda mais evidente. Suas principais vantagens incluem um perfil equilibrado de aminoácidos, baixo teor de gordura e uma excelente proporção proteína-carboidrato. Além disso, são naturalmente ricas em vitaminas, minerais, ácidos nucleicos e lipídios, tornando-se uma opção versátil para diversas aplicações.

A produção de SCP pode ser classificada em diferentes gerações, dependendo dos métodos e substratos utilizados. A primeira envolve o uso de bactérias, leveduras e fungos para converter substratos orgânicos em biomassa proteica, em um processo semelhante ao dos biocombustíveis. Já a segunda explora abordagens mais inovadoras, como o uso de matérias-primas não alimentares, como resíduos agrícolas. Além disso, essa geração inclui o desenvolvimento de mi-

croorganismos geneticamente modificados e novos modelos de biorreatores, com maior rendimento e menor custo de produção. Outro avanço promissor nessa área é a produção de proteínas especiais, como peptídeos bioativos, com potenciais benefícios adicionais para a saúde animal.

A escolha da fonte de SCP baseia-se principalmente em sua composição química e perfil de aminoácidos. Os fungos podem apresentar um teor proteico substancial, variando entre 30% e 50%. Seu perfil de aminoácidos geralmente atende aos padrões exigidos pelo mercado, sendo rico em lisina e treonina, mas deficiente em cisteína e metionina. Um exemplo interessante é o *Kluyveromyces fragilis*, conhecido por sua capacidade de produzir aminoácidos sulfurados. Da mesma forma, a macroalga *Porphyra spp.* se destaca por apresentar níveis de proteína comparáveis aos do farelo de soja, ampliando ainda mais suas possibilidades de aplicação.

Com os avanços da biotecnologia e das técnicas de fermentação, pesquisadores estão buscando superar desafios associados à SCP de primeira geração, como a disponibilidade de substratos e a escalabilidade da produção. A viabilidade comercial destas proteínas está avançando, tornando sua integração nos sistemas produtivos cada vez mais próxima da realidade. Dessa forma, a SCP desponta como uma alternativa promissora, contribuindo significativamente para a segurança alimentar e para a adoção de práticas mais sustentáveis na produção de proteínas. ■

A SCP DESPONTA COMO UMA ALTERNATIVA PROMISSORA, CONTRIBUINDO SIGNIFICATIVAMENTE PARA A SEGURANÇA ALIMENTAR E PARA A ADOÇÃO DE PRÁTICAS MAIS SUSTENTÁVEIS NA PRODUÇÃO DE PROTEÍNAS



Murilo C. B. Piva é formado em Medicina Veterinária e Relações Internacionais. Com MBA em negócios internacionais e especializações em marketing estratégico e agronegócio. Co-fundador de startups no agro, consultor de inovação e diretor executivo na Piva International

LEVEDURAS & DERIVADOS

Linha de leveduras
**PARA UMA NUTRIÇÃO
DE PRECISÃO**

- 🜨 Fábrica de última geração exclusiva para a linha de leveduras e seus derivados;
- 🜨 Avançadas tecnologias industriais que permitem a máxima biodisponibilidade dos nutrientes;
- 🜨 Processamento de levedura de cervejaria e de cana-de-açúcar para todas as espécies animais.



INGREDIENTES FUNCIONAIS

Jgmos® **Levuly**s 40 **Factor**.sc **Brewmax**



Empresa certificada
GMP+ no Brasil

CIÊNCIA APLICADA EM NUTRIÇÃO E SAÚDE ANIMAL.

www.grasp.ind.br |     /grasp.ltda



INCERTEZAS RONDAM AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ESPECIALISTAS ANALISAM OS POSSÍVEIS EFEITOS DO GOVERNO TRUMP NAS EXPORTAÇÕES DE PROTEÍNA ANIMAL DO BRASIL, COM FOCO NAS RELAÇÕES COMERCIAIS COM A CHINA E O CENÁRIO GLOBAL

CAMILA SANTOS

camila@dc7comunica.com.br

A eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos em 2024 trouxe consigo uma série de incertezas para o cenário global, especialmente no que diz respeito às relações comerciais. Para o agronegócio brasileiro, que tem na exportação de proteína animal um de seus pilares econômicos, as mudanças na política externa dos EUA podem gerar impactos significativos. A revista Feed&Food ouviu três especialistas para entender como as decisões do novo governo norte-americano podem influenciar o desempenho do setor, especialmente nas relações comerciais com a China, principal parceira do Brasil no mercado de proteínas.

Marcos Rostagno, médico-veterinário que reside e atua nos Estados Unidos, destaca que o cenário atual é marcado por muita especulação e ruído, o que gera um elevado nível de incerteza. “O presidente eleito se caracteriza por criar grandes expectativas, mas ninguém sabe ao certo o que realmente acontecerá”, afirma. Rostagno acredita que, diferentemente do primeiro mandato, o segundo governo Trump pode ser mais agressivo, levando a um possível isolacionismo dos EUA em algumas áreas.

No mercado de proteínas animais, o Brasil não seria um alvo primário, mas poderia ser afetado indiretamente. “México e Canadá são os

principais alvos, devido ao volume de comércio com os EUA. No entanto, o Brasil pode ser impactado negativamente ou positivamente, dependendo de como explorar as oportunidades que surgirem”, explica.

Sobre o possível endurecimento das relações comerciais entre EUA e China, Rostagno ressalta que a China já vem diversificando suas parcerias, com um foco crescente no Brasil. “A China precisa de parceiros como o Brasil, que é um grande fornecedor de commodities agrícolas e alimentos. O Brasil deve estar atento para aproveitar as oportunidades que surgirão com as mudanças geopolíticas”, reforça.

Ele também aborda a questão cambial, destacando que a valorização do dólar frente ao real é influenciada mais por fatores internos do Brasil do que por políticas dos EUA. “Enquanto os fatores internos, como o desequilíbrio nas contas públicas, não forem controlados, a relação entre as moedas continuará desfavorável ao real”, informa.

IMPACTOS NO CÂMBIO E NAS RELAÇÕES COMERCIAIS.

José Carlos de Souza Filho, professor da FIA Business School, avalia que as medidas protecionistas de Trump podem aumentar a volatilidade do câmbio, com reflexos negativos para o Brasil. “O aumento de tarifas sobre importações pelos EUA po-



de levar a uma valorização do dólar, o que pressiona o real e aumenta a incerteza para investidores”, compartilha.

Ele também destaca a possibilidade de o Brasil ser afetado por uma redução no comércio entre EUA e China, porém, abre-se espaço para novas parcerias. “A China e a União Europeia podem se tornar mercados ainda mais estratégicos para o Brasil, especialmente se houver retaliações comerciais entre EUA e China”, realça.

Souza Filho ressalta que o setor agropecuário brasileiro deve se preparar para um cenário de maior competição com os EUA, especialmente em produtos como carne bovina, milho e soja. “O Brasil precisa estar pronto para explorar novas oportunidades, como o acordo comercial entre Mercosul e União Europeia”, complementa.

Além disso, ele chama atenção para os possíveis impactos nas cadeias de suprimentos globais. “Qualquer medida protecionista dos EUA pode gerar efeitos em cascata, afetando desde a produção até a distribuição de produtos. Precisamos nos preparar para se adaptar a essas mudanças”, afirma.

UM CENÁRIO DE INTERROGAÇÕES. Felipe Serigati, doutor em economia e coordenador do Mestrado Profissional em Agronegócio da FGVAgro, enfatiza que o mundo está entrando em uma fase de maior protecionismo, com impactos negativos para o comércio internacional. “O aumento de barreiras tarifárias e a volatilidade do câmbio podem reduzir o crescimento global, afetando todos os países”, discorre.

Ele destaca que o Brasil pode se beneficiar de eventuais retaliações da China contra os EUA, como ocorreu no primeiro mandato de Trump. “A China pode priorizar a compra de produtos brasileiros, como fez com os grãos. No entanto, isso depende de como as relações comerciais se desenvolverão”, afirma.

Serigati também chama atenção para o fato de que os EUA dependem da carne brasileira para suprir sua demanda interna. “O rebanho norte-americano está em seu menor nível desde os anos 1970, e a restrição à imigração pode dificultar a produção local. Isso abre espaço para o Brasil expandir suas exportações, mas estamos sujeitos a barreiras tarifárias”, explica.

Quanto aos desafios internos do



“O REBANHO NORTE-AMERICANO ESTÁ EM SEU MENOR NÍVEL DESDE OS ANOS 1970, E A RESTRIÇÃO À IMIGRAÇÃO PODE DIFICULTAR A PRODUÇÃO LOCAL. ISSO ABRE ESPAÇO PARA O BRASIL EXPANDIR SUAS EXPORTAÇÕES”, COMPARTILHA **FELIPE SERIGATI**

Brasil, a necessidade é equilibrar as contas públicas e controlar a inflação. “A taxa de juros mais alta, combinada com um dólar valorizado, pode pressionar as margens do agronegócio, especialmente em setores que dependem de insumos importados”, reforça.

CHINA E DIVERSIFICAÇÃO DE MERCADOS. Os três especialistas concordam que a China continuará sendo um parceiro estratégico para o Brasil, independentemente das políticas dos EUA. “A China já vem reduzindo sua dependência dos EUA e buscando novas parcerias, como o Brasil, para garantir o suprimento de alimentos e commodities”, realça Rostagno.

Souza Filho ressalta que o Brasil deve aproveitar essa oportunidade para fortalecer sua relação com a China, mas também diversificar seus mercados. “Países como Índia e nações do Oriente Médio podem se tornar importantes compradores de produtos brasileiros”, explica.

Serigati complementa que o Brasil precisa estar atento às mudanças geopolíticas e às oportunidades que surgem com a reconfiguração do comércio global: “O mundo está em constante transformação, e o Brasil deve estar preparado para se adaptar e explorar novas oportunidades”.

PREPARAÇÃO E ESTRATÉGIA SÃO ESSENCIAIS. De acordo com os especialistas, o Brasil precisa se preparar para um cenário de incertezas e mudanças aceleradas. Para eles, o agronegócio bra-



“A CHINA JÁ VEM REDUZINDO SUA DEPENDÊNCIA DOS EUA E BUSCANDO NOVAS PARCERIAS, COMO O BRASIL, PARA GARANTIR O SUPRIMENTO DE ALIMENTOS E COMMODITIES”, REALÇA **MARCOS ROSTAGNO**

sileiro tem que estar atento para poder tirar vantagens das oportunidades que surgirão à medida que o mundo e as relações entre países se alteram.

Para isso, Souza Filho reforça a importância de diversificar mercados e fortalecer parcerias estratégicas, como a China e a União Europeia. Já Serigati alerta para os desafios internos, como a necessidade de equilibrar as contas públicas e controlar a inflação, que impactam diretamente a competitividade do agronegócio.

Em um cenário global marcado por protecionismo e volatilidade, a capacidade do Brasil de se adaptar e explorar novas oportunidades será fundamental para manter o desempenho do setor de proteína animal. Como destacam os especialistas, o momento exige planejamento estratégico e execução eficiente para garantir que o agro brasileiro continue a brilhar no mercado internacional. ■



“O BRASIL DEVE APROVEITAR ESSA OPORTUNIDADE PARA FORTALECER SUA RELAÇÃO COM A CHINA, MAS TAMBÉM ESTREITAR AS RELAÇÕES COM A ÍNDIA E NAÇÕES DO ORIENTE MÉDIO”, DIZ **JOSÉ CARLOS DE SOUZA FILHO**



Maurício Moraes e Fábio Pereira

AS CONDIÇÕES CLIMÁTICAS E A COMPETITIVIDADE DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

A diversidade e riqueza natural do Brasil posicionam o país como um dos principais players no cenário global do agronegócio. O agro brasileiro se destaca por sua capacidade de produzir em larga escala uma variedade de produtos, que vão desde grãos, como soja, milho e café, fibras como algodão e celulose, carnes bovina, de frango e suína, frutas tropicais, como laranja, uva, melancia, manga e melão, além da bioenergia, como etanol, entre outros produtos e subprodutos. No entanto, um dos fatores críticos que influenciam diretamente a competitividade desse setor é o clima.

O Brasil é caracterizado por uma ampla variedade de zonas climáticas, que vão desde o clima equatorial úmido da Amazônia, passando pelo semiárido nordestino, até o clima subtropical do Sul do país. Essa diversidade climática é vantajosa para a produção agrícola e pecuária, permitindo múltiplas colheitas ao longo do ano e a diversificação de culturas, o que é vital para manter a competitividade no mercado global.

As condições climáticas de uma região, como temperatura, precipitação, umidade relativa e luminosidade são as que definem o potencial produtivo para determinada cultura agrícola. A variação na temperatura e precipitação, com ocorrência de fenômenos extremos, como secas e alto volumes de chuvas, podem impactar na incidência de pragas, doenças e outros fatores que comprometem seriamente a produtividade das lavouras. Um cenário de mudanças climáticas exacerba essas questões, introduzindo incertezas que afetam a previsibilidade das safras, a saúde das plantas e os custos de produção.

Para manter a competitividade frente a essas adversidades, o agronegócio brasileiro tem investido em inovação e tecnologia. A pesquisa agrícola e o estudo do solo desempenham um papel fundamental nesse contexto, promovendo o desenvolvimento de cultivares mais resistentes a condições climáticas adversas e técnicas de manejo sustentável.

A Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), outras instituições de pesquisa e o setor privado, têm trabalhado intensamente para desenvolver tecnologias adaptativas, com o melhoramento genético de plantas, biotecnologias, sistemas de irrigação mais eficientes e agricultura de precisão usando soluções digitais e inteligência artificial para melhor previsão climática, permitindo que os produtores rurais tomem decisões mais acertadas no manejo, reduzindo riscos associados a variações climáticas.

A adoção de práticas agrícolas sustentáveis, como sistema de plantio direto, integração lavoura-pecuária-floresta, entre outras, é estratégia essen-

cial para aumentar a resiliência do agronegócio brasileiro frente às mudanças climáticas, pois ajudam a conservar a umidade do solo e a proteger contra a erosão, ao mesmo tempo que melhora a condição do solo para futuras safras, além de mitigar as emissões de gases de efeito estufa.

A principal oportunidade para o Brasil no cenário atual é a sua capacidade de se posicionar como líder em agricultura sustentável. Entretanto, a sustentabilidade e a competitividade do agronegócio brasileiro a longo prazo dependem de um esforço conjunto de todos os agentes do setor. A colaboração entre governo, produtores, pesquisadores, empresas e startups é crucial para o desenvolvimento de políticas coerentes que conciliem a expansão agrícola, a conservação ambiental e a adaptação climática.

Os dados da 28ª pesquisa global com CEOs da PwC, demonstra pelo terceiro ano consecutivo que a exposição às mudanças climáticas é a principal ameaça para 56% dos líderes do agro em suas empresas, nível significativamente maior do que a média geral dos CEOs do Brasil, com 21%. A liderança do setor que representa ¼ da economia brasileira, tem consciência da importância do clima para a competitividade e sustentabilidade do agronegócio.

Ao lidar com os impactos do clima, o agronegócio brasileiro deve buscar o equilíbrio no aumento da produção para atender à demanda mundial, assegurando a preservação dos seus recursos naturais, pois é onde está a vantagem competitiva do país. Além de investir em infraestrutura resiliente ao clima, promover a educação e capacitação de mão de obra (segunda maior ameaça para 38% dos CEOs), pela baixa disponibilidade e qualificação, e continuar fomentando o uso de novas tecnologias.

Em conclusão, as condições climáticas são um fator determinante para o agronegócio brasileiro, sendo ao mesmo tempo uma fonte de vantagens competitivas e de desafios significativos. O futuro do setor dependerá, em grande medida, de como ele conseguirá se adaptar às mudanças do clima, otimizando o uso de recursos naturais e incorporando inovações tecnológicas que garantam sua sustentabilidade e relevância no mercado global. Será fundamental que o clima esteja na matriz de riscos das organizações, com medições e monitoramento que possam mitigar ou reduzir os impactos climáticos. A resiliência do agronegócio brasileiro será testada conforme as mudanças climáticas interrompem os padrões tradicionais, mas com inovação e políticas eficazes, o Brasil pode continuar a liderar e influenciar o cenário agrícola mundial. ■



Maurício Moraes
Sócio da PwC Brasil e líder de Agribusiness

Fábio Pereira
Diretor da PwC Brasil e especialista em Agribusiness

LeanVac

A melhor opção é a liberdade de escolha



Controle dos níveis de androstenona e escatol



Eficácia e segurança



Produtividade sem risco

Viva novos caminhos de forma eficaz e segura com **LeanVac**, a nova escolha para imunocastração.

ourofino.com

ourofino
saúde animal



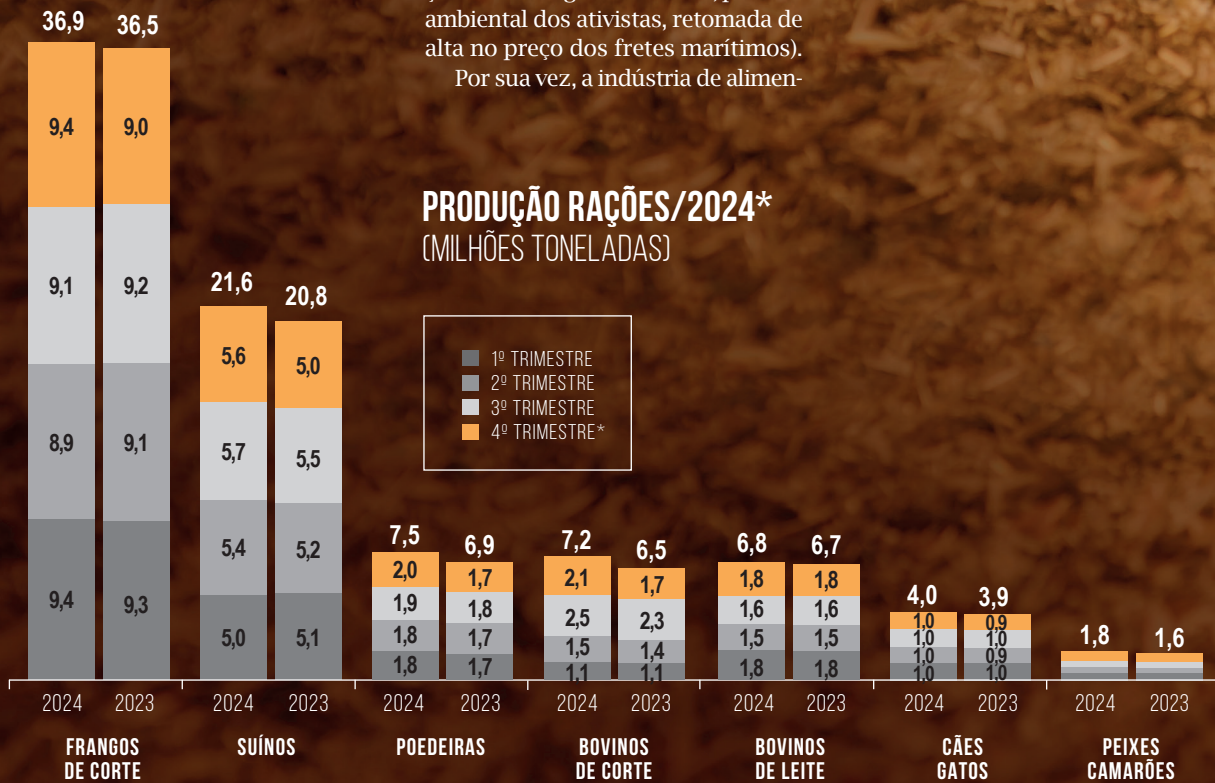
DESEMPENHO DURANTE O ANO DE 2024

ARIOVALDO ZANI

O desempenho do agronegócio nacional foi impulsionado em 2024 por inúmeros fatores e sopitado por outros contrapesos de ordem diversa. Sob o prisma doméstico, pontos fortes (safras suficientes, aumento da adição de biodiesel de soja, melhora nos resultados operacionais dos frigoríficos)

contrastam com fraquezas conjunturais e estruturais (adversidades climáticas, catástrofe no Rio Grande do Sul, atraso na compra de fertilizantes, capacidade estática de armazenamento). Externamente, várias oportunidades (desvalorização cambial para exportações, ampliação e abertura de novos mercados) competem com flagrantes ameaças (desaceleração consumo global e chinês, pressão ambiental dos ativistas, retomada de alta no preço dos fretes marítimos).

Por sua vez, a indústria de alimen-



Exceto equinos e outros / *Previsão / Fonte: Sindirações

tação animal acumulou, de janeiro a setembro, mais de 64 milhões de toneladas de rações e concentrados e revelou-se 1,6% superior à marca do mesmo período de 2023. Inclusive, o ritmo de crescimento continuou ganhando tração quando observadas as marcas nos intervalos apurados, ou seja, o retrocesso de 1,1% (2º. Tri/24 vs. 1º. Tri/24) foi sucedido pelo robusto avanço de 8,9% (3º. Tri/24 vs. 2º. Tri/24). A perspectiva é avançar mais 8,6% (4º. Tri/24 vs. 3º. Tri/23), sustentado pelo flagrante incremento das rações para poedeiras, bovinos de corte, suínos e aquacultura, ao contrário da expectativa mais moderada em relação à ali-

mentação industrializada do plantel leiteiro e para os frangos de corte.

Estratificando, a demanda de rações para frangos de corte alcançou 27,5 milhões de toneladas, montante praticamente estável (janeiro a setembro/24 vs. janeiro a setembro/23), enquanto a previsão é alcançar 36,9 milhões de toneladas e então avançar 1% ao longo de 2024. O mesmo raciocínio aplicado às demais espécies estabelece a seguinte relação: para as poedeiras 5,5 milhões de toneladas e avanço de 6,2% até setembro; 7,5 milhões de toneladas com incremento de 8,9% no ano. No caso dos suínos, 16 milhões de toneladas e 1,1%; 21,6 milhões de toneladas e cresci-

mento de 3,7%. Em relação aos bovinos de corte, 5,1 milhões de toneladas e 6,8%; 7,2 milhões de toneladas e evolução anual que pode até ultrapassar 10%. No caso dos bovinos de leite, aproximadamente 5 milhões de toneladas e avanço de 1,1%; 6,8 milhões de toneladas e avanço de 1,5% ao longo de 2024. Para aquacultura, pouco mais de 1,2 milhão de toneladas e 8,8%; 1,76 milhão de toneladas e crescimento de 9%. Finalmente, no caso de cães e gatos, 3 milhões de toneladas e 3%; 4 milhões de toneladas e avanço de 3,5% no ano passado.

É importante ressaltar que o provável incremento, apurado ao longo do último trimestre, permite inferir que a produção possa ultrapassar 90 milhões de toneladas de rações, concentrados e suplementos minerais e vislumbrar então um avanço da ordem de 3,5% em 2024. ■

PRODUÇÃO RAÇÕES

SEGMENTAÇÃO - ALIMENTAÇÃO ANIMAL (MILHÕES TONELADAS)

SEGMENTO	2022	2023*	%	2024**	%
AVES	43,4	44,4	2,3	45,6	2,7
FRANGO CORTE	36,5	36,9	1,0	37,9	2,7
POEDEIRAS	6,90	7,51	8,9	7,70	2,4
SUÍNOS	20,8	21,6	3,7	22,0	2,0
BOVINOS	13,2	14,0	5,8	14,6	4,1
LEITE	6,7	6,8	1,5	6,9	1,0
CORTE	6,55	7,22	10,2	7,73	7,0
CÃES E GATOS	3,88	4,01	3,5	4,17	4,0
EQUINOS	0,640	0,640	0,0	0,643	0,4
AQUACULTURA	1,62	1,76	8,8	1,83	4,0
PEIXES	1,43	1,57	9,8	1,63	4,0
CAMARÕES	0,190	0,193	1,6	0,200	3,8
OUTROS	0,620	0,625	0,8	0,631	1,0
TOTAL RAÇÕES	84,3	87,1	3,3	89,5	2,8
SAL MINERAL	3,37	3,61	7,0	3,86	7,0
TOTAL GERAL	87,6	90,7	3,5	96,4	3,0

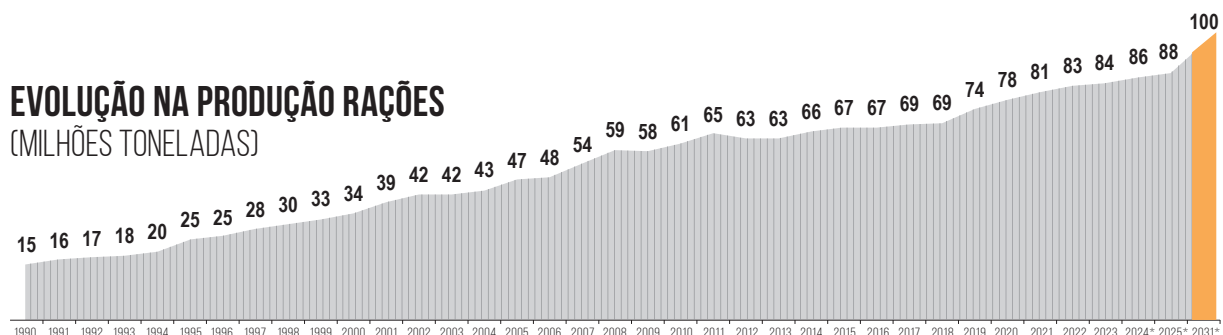
*Estimativa / **Previsão / Fonte: Sindirações



Ariovaldo Zani, médico-veterinário, CEO do Sindirações.

ariovaldo@sindiracoes.org.br
Presidente da Câmara de Sustentabilidade e Bem Estar Animal/ABPA e presidente do Conselho Consultivo de Insumos Agropecuários e Indústria Extrativa/SENAI SP

EVOLUÇÃO NA PRODUÇÃO RAÇÕES (MILHÕES TONELADAS)



*Estimativa / **Previsão / Fonte: Sindirações

BRASIL APOSTA EM SAFRA RECORDE

APESAR DA ALTA NA PRODUÇÃO DE MILHO E SOJA, **PREÇOS MAIS BAIXOS E CONCORRÊNCIA EXTERNA** PODEM IMPACTAR EXPORTAÇÕES E SUSTENTABILIDADE DOS VALORES INTERNOS

GLAUCIA BEZERRA

glaucia@dc7comunica.com.br

O Brasil inicia 2025 com projeções promissoras para a produção de grãos, mas enfrenta desafios no mercado interno e na concorrência global. Dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) indicam aumento na produção de milho e soja, sustentado por condições climáticas favoráveis e avanço na área plantada. No entanto, o mercado futuro já sinaliza preços mais baixos para os produtores, tanto no Brasil quanto no exterior.

A segunda safra de **milho**, principal responsável pela produção nacional, deve alcançar 94,6 milhões de toneladas, alta de 4,8% em relação à temporada anterior. A área plantada está projetada em 16,6 milhões de hectares, com produtividade de 5,7 toneladas por hectare, um crescimento de 3,8% na comparação anual. O cenário é favorecido pelo cultivo mais acelerado da soja, que deve permitir o plantio de milho no período ideal. Ainda assim, a safra de verão registrou redução

MILHO

Produção total
Brasil (2024/25)

119,6 milhões de toneladas



Consumo doméstico

87,03 milhões de toneladas

Excedente interno

38,9 milhões de toneladas

Exportações previstas

34 milhões de toneladas

Estoques de passagem (jan./25)

4,422 milhões de toneladas

■ SEGUNDA SAFRA (2024/25)

Área estimada

16,6 milhões de hectares

Crescimento da área

1% em relação a 2023/24

Produção estimada

94,631 milhões de toneladas

Produtividade estimada

5.702 kg/ha

■ TERCEIRA SAFRA (2024/25)

Produção estimada

2,38 milhões de toneladas

Crescimento da área (queda)

-3,8% em relação a 2023/24

Fonte: Cepea

de 1,5% na produção, projetada em 22,6 milhões de toneladas, com a menor área plantada de toda a série histórica da Conab, iniciada em 1976/77.

“O consumo doméstico de milho continua em alta, puxado pela indústria de proteína animal e pela produção de etanol, mas o excedente disponível para exportação pode ser reduzido. Isso traz preocupações quanto à sustentação dos preços no mercado interno”, avalia Lucilio Alves, pesquisador do Cepea e professor da Esalq/USP. De acordo com ele, o estoque final em janeiro de 2025 deve ser de 4,4 milhões de toneladas, representando apenas 31% do consumo doméstico do ano.

No mercado internacional, os preços futuros do milho seguem pressionados por um excedente norte-americano significativo, enquanto as exportações do Brasil, estimadas em 34 milhões de toneladas para o ciclo 2024/25, podem enfrentar limitações. Caso se confirmem, os estoques finais em janeiro de 2026 podem atingir 4,9 milhões de toneladas, um aumento de 11% frente à safra anterior, mas ainda 49% abaixo da média das últimas cinco temporadas.

Na **soja**, a expectativa é de um novo recorde de produção. O Brasil deve colher 166,2 milhões de toneladas, consolidando sua posição como maior produtor global. A Conab também projeta exportações de 105,5 milhões de toneladas para o ciclo 2024/25, sustentadas por uma forte demanda da China, maior compradora mundial do grão. Apesar disso, os preços internacionais apresentam quedas significativas, pressionados pelo aumento da oferta global e pela concorrência de outros produtores da América do Sul, como Argentina e Paraguai.

“A valorização do dólar frente ao real torna a soja brasileira mais competitiva no mercado internacional, mas o excesso de oferta pode limitar os ganhos. O mercado também observa com atenção as políticas comerciais do novo governo dos Estados Unidos, que podem influenciar tarifas de importação e redirecionar compradores para a América do Sul”, comenta Alves.

Enquanto isso, políticas domésticas que estimulam o uso de biodiesel devem aumentar a demanda pelo processamento interno de soja. Mesmo assim, a relação estoque fi-

SOJA

Produção total
Brasil (2024/25)

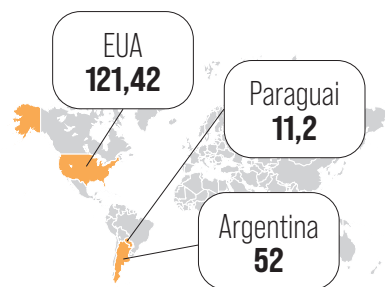
169 milhões de toneladas (estimada - USDA)

166,2 milhões de toneladas (estimada - Conab)



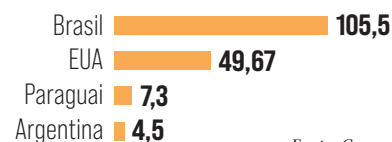
Produção de outros países

(2024/25) em milhões de toneladas



Exportações

(em milhões de toneladas)



Fonte: Cepea

nal/consumo global está projetada em 38% pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), o maior índice desde 2018/19, o que reflete um cenário de maior oferta do que demanda no mercado mundial. ■



LUCILIO ALVES, PESQUISADOR DO CEPEA

BRASIL MAIS PRÓXIMO DO MERCADO ASIÁTICO

DURANTE VIV ASIA, **ABIQUIFI** E **ABRA** SE UNEM EM UMA PARCERIA ESTRATÉGICA COM O OBJETIVO DE ABRIR OPORTUNIDADES PARA AS EMPRESAS BRASILEIRAS NA REGIÃO

VALERIA CAMPOS

valeria@dc7comunica.com.br

A Tailândia esteve presente duas vezes na lista de mercados-alvo do projeto Brazilian Pharma & Health, uma iniciativa em parceria com a ApexBrasil. A motivação desta escolha surgiu a partir das informações das empresas do setor de saúde e nutrição sobre o país ser uma porta de entrada no continente asiático.

“O Viv Asia é hoje a maior exposição para o segmento animal na região”, realça Jéssica Cerqueira, gestora do Projeto Brazilian Pharma & Health. O encontro conta com a presença de fornecedores de produtos e serviços para as indústrias de aves, suínos, bovinos, peixes e produtos lácteos, oferecendo oportunidades de conexão entre profissionais do setor, palestras e painéis de discussão sobre tendências e tecnologias, além de apresentar novidades em produtos e serviços.

Para ampliar as oportunidades nesse cenário, a Abiquifi, por meio do projeto Brazilian Pharma & Health, fortalecerá a presença do Brasil na edição de 2025, que acontecerá de 12 a 14 de março, oferecendo um espaço estratégico para geração de negócios e expansão para novos mercados.

Com uma forte produção e consumo de proteína animal, as regiões do Leste e Sudeste asiático se destacam no setor. Diante deste contexto, os participantes do projeto Brazilian Pharma & Health identificaram um grande potencial para que as empresas brasileiras se tornem parceiras estratégicas, atendendo às demandas por saúde, bem-estar e nutrição.

E isso está bem perto de acontecer, diz Jéssica, pois o Brasil é um importante exportador de produtos para esse segmento e possui experi-

se na área: “Somos um dos maiores produtores de proteína no mundo”.

Desempenhando um importante papel no globo, a saúde animal tem sido um pilar importante para a sustentabilidade de diversos setores, desde a agropecuária até o mercado pet. Sempre em ascensão, a tendência é que este mercado siga nesse trilho de crescimento, realça Jéssica, especialmente no Brasil.

“Entre os principais fatores desse processo, podemos citar a alta em exportações, principalmente em carne bovina e suínos, crescimento na demanda por proteína no mercado global, melhora na produtividade do setor agropecuário e facilidades para abertura de novos mercados”, discorre.

“O BRASIL É UM PLAYER IMPORTANTE NESSE SETOR E ISSO POSSIBILITA A ABERTURA DE NOVOS MERCADOS”

JÉSSICA CERQUEIRA, GESTORA DO PROJETO BRAZILIAN PHARMA & HEALTH

EXPECTATIVAS DA ESTREIA. Segundo Jéssica, como essa será a primeira participação do projeto no evento, a associação espera que essa presença seja uma oportunidade de fazer contatos e aproximar o Brasil do mercado tailandês e asiático, além de gerar negócios significativos. E como peça fundamental para o sucesso desse trabalho, a parceria com a Associação Brasileira de Reciclagem Animal (ABRA) será uma estratégia importante para mostrar a relevância do Brasil e a força do país nos mercados de saúde e nutrição animal, assim como o profissionalismo e seriedade da indústria brasileira.

“A ABRA já está presente no mercado asiático de forma consolidada com seus produtos e temos certeza de que essa parceria poderá auxiliar nossas empresas a conhecerem esse novo mercado”, destaca a gestora do projeto Brazilian Pharma & Health.

Pela sua ótica, o setor de saúde e nutrição animal brasileiro tem se mostrado em forte crescimento e desenvolvimento – o que posiciona o País como um player importante nesse segmento e possibilita a abertura de novos mercados na região. ■





Nutrindo resultados sustentáveis.

Nossa conexão com os **interesses e necessidades dos produtores** é o que nos motiva. Nascemos da cooperação e nos tornamos uma **referência global**. Uma história construída ao longo de **130 anos**.

Oferecemos **inovação e resultados mensuráveis** em toda a cadeia, por meio de soluções e conceitos em **nutrição e aditivos**, desenvolvidos para atender às necessidades específicas de **nossos clientes**.

Junte-se a nós para maximizar os **resultados da sua produção**.

agrifirm.com.br

 [agrifirmbr](https://www.facebook.com/agrifirmbr)

 [royal-agrifirm-group](https://www.linkedin.com/company/royal-agrifirm-group)

 [agrifirmbrasil](https://www.instagram.com/agrifirmbrasil)

 [Agrifirmonline](https://www.youtube.com/Agrifirmonline)

 **agrifirm**
Nutrição animal



PRODUÇÃO E PRESERVAÇÃO: UM EQUILÍBRIO POSSÍVEL NO BRASIL

DESCARBONIZAÇÃO, FLORESTA EM PÉ E LIDERANÇA EM BIOENERGIA ESTÃO TRANSFORMANDO O PAÍS EM VITRINE PARA O MUNDO. SEGUNDO A EMBRAPA, SÃO MAIS DE 18 MILHÕES DE HECTARES GERIDOS COM PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS, E A EXPECTATIVA É QUE, ATÉ 2030, MAIS DE 70% DAS FAZENDAS BRASILEIRAS INCORPOREM TECNOLOGIAS VERDES

VALERIA CAMPOS

valeria@dc7comunica.com.br

O olhar do mercado para a sustentabilidade se transformou com o tempo. Diferente de anos atrás, hoje o conceito possui um viés de competitividade, aumento de produtividade, acesso a mercados e posicionamento reputacional. Para chegar até aqui, a indústria passou por um processo gradual que exigiu transformações profundas no modo de pensar e agir dos líderes corporativos. E alguns marcos foram importantes para essa virada de chave.

Nessa lista, podemos citar a Conferência do Rio em (1992); Convenção das Nações Unidas sobre Mudança de Clima (1992), consolidando acordos globais para o desenvolvimento sustentável; Protocolo de Quioto (2005), quando as emissões de efeito estufa passaram a ser pauta e houve a popularização do ESG; Acordo de Paris (2015), marco global para limitar o aumento da temperatura global a 1,5 C°; e Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS, 2015), estabelecendo 17 metas integradas para erradicar a pobreza, proteger o planeta e garantir prosperidade para todos até 2030.

E, mais recentemente, na década de 2020,

houve um movimento forte em investimentos verdes, tecnologias sustentáveis, entre outros: “É notável hoje o avanço do engajamento de empresas, na educação, conscientização e legislação alinhada”, inicia Marcos Fava Neves, Prof. Dr. da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto (SP) e na Harven Agribusiness School.

Nesse cenário, a inovação também é bastante aderente a essa evolução do pensamento sustentável, pois sempre que o mercado sofre uma inquietação, uma nova era de inovações tem início. De acordo com Fava Neves, atualmente o mundo passa pelas mudanças do clima, e a sociedade, assim como as empresas, estão atentas a esse desafio global que envolve aumento de temperatura e coloca em risco a vida na Terra: “É algo muito importante, as organizações que não se adaptarem, vão perder no jogo da competitividade e ser extintas, assim como ocorreram em outras fases nos mais diversos setores”.

Na prática, essa urgência em adotar iniciativas sustentáveis impulsiona empresas a repensarem seus modelos de negócios, produtos e processos. Ou seja, as companhias inovadoras têm entendido que incorporar critérios ESG é essencial para atender às demandas de consumidores cada vez mais cons- ▶



cientes, investidores atentos à responsabilidade corporativa e reguladores exigentes.

“A transição para uma economia de baixo carbono está gerando novos mercados, tecnologias e parcerias estratégicas. Modelos de economia circular, soluções baseadas na natureza e fontes de energia renováveis são exemplos de como as empresas estão se posicionando para liderar na nova era econômica”, completa Letícia Franco Martinez, Profa. Dra. da Harven Agribusiness School.

Segundo ela, as organizações que liderarem essas mudanças colherão frutos de uma vantagem competitiva sólida e duradoura.

OS AVANÇOS DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO. Consciente dos desafios ambientais e determinado em promover uma atividade mais sustentável, o agro brasileiro avançou significativamente na incorporação de pautas de sustentabilidade e ESG, desempenhando um papel crucial na mitigação de mudanças climáticas.

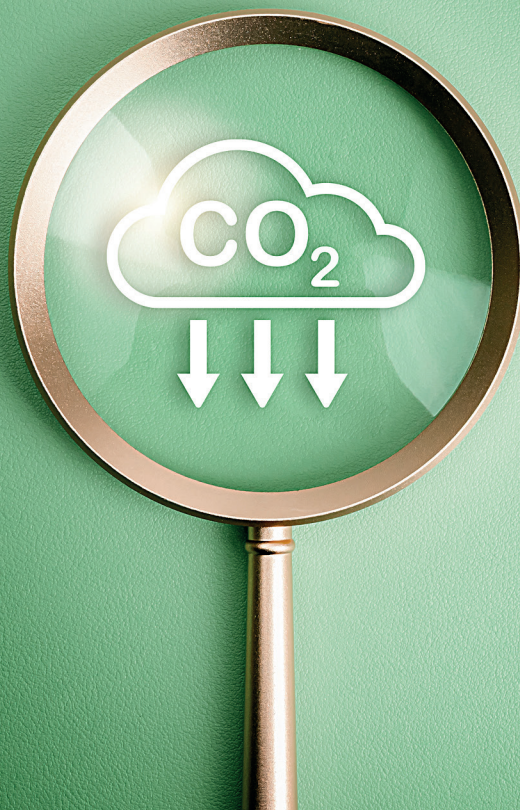
“A 26ª CEO Survey, pesquisa da PwC, realizada com a alta liderança de organizações do agronegócio, demonstrou que as empresas do setor se mostram mais avançadas do que a média de outros setores no Brasil e no mundo, no que diz respeito a iniciativas climáticas: 81% das companhias do agro implementaram ou estão implementando ações para reduzir suas emissões, em comparação com 63% da média nacional e 66% no mundo”, destaca Martinez.

Esse processo pode ser observado no aumento acelerado do uso de tecnologias agrícolas, como sensores e inteligência artificial (IA), que aprimoram a eficiência e reduzem desperdícios na produção agropecuária. Além disso, realça Fava Neves, destaca-se um novo perfil de liderança entre os produtores rurais, composto por indivíduos cada vez mais conectados e informados, capazes de tomar decisões fundamentadas em dados e orientadas pela sustentabilidade.

Ao mesmo tempo, as políticas públicas também têm apoiado esse movimento, promovendo práticas sustentáveis no campo. E, somado a isso, o agronegócio tem incorporado o uso de energia renovável, como solar e eólica, um investimento que contribui para a redução de emissões de carbono e também reforça o compromisso do setor com as metas climáticas globais.

Como fruto dessas ações, há um fortalecimento da agricultura de baixo carbono, o qual minimiza os impactos ambientais, promove a geração de empregos e impulsiona o crescimento econômico em escala global, posicionando a atividade como peça-chave na construção de um futuro mais sustentável.

Dentro do conceito ESG, um exemplo no ambiental é o da Carne Carbono Neutro (CCN), marca conceito da Embrapa Mato Grosso do



AS OPORTUNIDADES DO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO ESTÃO CONECTADAS AS INICIATIVAS DE DESCARBONIZAÇÃO, QUE JÁ ESTÃO ANDAMENTO COM O USO DE AGRICULTURA DE PRECISÃO, INVESTIMENTOS NAS ENERGIAS RENOVÁVEIS E EM TECNOLOGIAS FOCADAS EM GESTÃO ESTRATÉGICA E SUSTENTÁVEL

Sul que virou referência mundo afora. A iniciativa, explica Fava Neves, implementa a técnica de ILPF (Integração Lavoura Pecuária Floresta) no campo, reduzindo as emissões de carbono por meio de uma cadeia integrada e sustentável: “A Marfrig foi a primeira fazer parte deste processo e hoje é possível ver em suas embalagens os selos CCN, garantindo um processo neutro emissão de carbono, impulsionando a rastreabilidade produtiva também”.

No aspecto social, a Bom Futuro, assim como outros grandes grupos agrícolas, tem investido em projetos sociais que impactam positivamente o entorno da organização. Como exemplo, podemos citar Sementes do Futuro, Costurando o Bem e Voluntários Bom Futuro. Enquanto isso, na JBS, o “Programa Economias Comunitárias Inclusivas” faz parte do “Fundo Amazônia”, fortalecendo a bioeconomia do açaí, promovendo a conservação da floresta, saúde, educação nas comunidades e aumentando a renda das famílias locais.

No que diz respeito à governança, uma das referências no assunto é a certificação B-Corp, a qual avalia critérios de sustentabilidade e ESG da empresa, gerando pontuação que compara a organização com a média do setor de atuação. Além disso, compartilha Martinez, essa certificação atesta o cumprimento de alto padrão de desempenho, responsabilidade e transparência das empresas, abrangendo as-



ALGUNS NÚMEROS IMPORTANTES DE UM AGRO CADA VEZ MAIS SUSTENTÁVEL

pectos como benefícios aos colaboradores, doações para caridade, práticas éticas na cadeia de suprimentos e uso de insumos sustentáveis.

UM DOS LÍDERES MUNDIAIS EM BIOENERGIA. Resultado de décadas de investimentos em pesquisa, políticas públicas e infraestrutura voltadas para o uso sustentável de recursos naturais, o Brasil se tornou um dos líderes mundiais em biotecnologia.

Ao longo dos anos, muitos avanços foram notórios, e Martinez traz alguns exemplos. Dentre eles, podemos citar o Programa Nacional do Alcool (Pró-Álcool), que promoveu o desenvolvimento do etanol como alternativa aos combustíveis fósseis: “Hoje, o Brasil é um dos principais produtores mundiais de etanol, com a cana-de-açúcar como principal matéria-prima, graças à alta eficiência agrícola e industrial”.

Além disso, complementa Fava Neves, o Brasil é líder em biocombustíveis por possuir a produção de etanol a partir de resíduos agrícolas, como o bagaço da cana, utilizando tecnologias avançadas que aumentam a eficiência do processo: “Também é referência em bioeletricidade, usando o bagaço e palha da cana em termelétricas para gerar eletricidade, que é incorporada à rede elétrica nacional”.

Outro recorte dessa temática são as políticas públicas de apoio à sustentabilidade como o RenovaBio (2006), um estímulo a descarboniza- ▶

Práticas de agricultura de precisão podem reduzir em até

30%

o uso de fertilizantes e pesticidas, contribuindo diretamente para a sustentabilidade, segundo a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA)

A projeção é de que até 2030

**MAIS DE 70%
DAS FAZENDAS
DE GRANDE PORTE
BRASILEIRAS**

adotem algum tipo de tecnologia sustentável, com retornos econômicos e ambientais significativos, segundo a CNA

**MAIS DE 18 MILHÕES
DE HECTARES**

no Brasil já são geridos com práticas sustentáveis, como o ILPF e a rotação de culturas, de acordo com a Embrapa

O Brasil foi o país com a maior proporção de terras preservadas, equivalente a

**60%
DE TODO O SEU
TERRITÓRIO
EM 2020**

Fontes: Marcos Fava Neves e Leticia Franco Martinez



ção, por meio de um programa que adota metas de redução de emissões e incentiva a produção de biocombustíveis, com a emissão de Créditos de Descarbonização (CBIOs): “Somado a isso, o País possui o Selo Combustível Social, incentivando a inclusão de agricultores familiares na produção de matérias-primas para biodiesel”.

Por todos esses investimentos e iniciativas, o Brasil tem o potencial de liderar ainda mais o desenvolvimento de soluções inovadoras, especialmente com o crescimento da economia de baixo carbono, considerando outras energias limpas, como oportunidade e de alto potencial, como a advinda do biogás.

MERCADO DE CARBONO EM FOCO. De acordo com Fava Neves, o debate sobre a criação de um mercado regulado de carbono no Brasil já é antigo. A ideia é que o país possa vender créditos de carbono para nações que precisam atingir metas obrigatórias de redução de emissões. Nesse contexto, especialistas destacam o potencial do Brasil para se tornar um importante exportador desses créditos.

Neste contexto, a agricultura brasileira desempenha um papel fundamental. Isso porque há décadas o setor investe em boas práticas agrícolas, muitas delas voltadas para aumentar a captura de carbono nos sistemas produtivos. “Além disso, o Brasil é reconhecido internacionalmente por sua experiência em técnicas de manejo sustentáveis, como é o caso da Carne de Carbono Neutro”.

“O Plano de Agricultura de Baixa Emissão de Carbono (Plano ABC), criado pelo governo

MARCOS FAVA NEVES É ENGENHEIRO AGRÔNOMO E AUTOR E ORGANIZADOR DE 80 LIVROS PUBLICADOS EM 10 PAÍSES, E **LETICIA FRANCO MARTINEZ** É ESPECIALISTA EM SUSTENTABILIDADE NO AGRONEGÓCIO E COORDENADORA DE CONTEÚDO E APRENDIZAGEM NA HARVEN AGRIBUSINESS SCHOOL

federal, é um exemplo que tem como objetivo promover tecnologias sustentáveis que contribuam para a redução de emissões de gases de efeito estufa (GEE). Entre 2010 e 2020, o programa incentivou práticas como o plantio direto, a recuperação de pastagens degradadas, o manejo de dejetos animais, os sistemas integrados de produção, o plantio de florestas e o uso de bioinsumos”, realçou Fava Neves.

Atualmente, o programa é reconhecido por ABC+, que seguirá até 2030. O objetivo desta etapa é implementar oito ações estratégicas para reduzir ainda mais carbono. “Especialistas são unânimes em afirmar que o futuro da agricultura depende da adoção de práticas sustentáveis”, reforça Martinez.

UM FUTURO PROMISSOR. Para Fava Neves e Martinez, as oportunidades do agronegócio brasileiro estão conectadas às iniciativas de descarbonização, que já estão em andamento com o uso de agricultura de precisão, investimentos nas energias renováveis e em tecnologias focadas em gestão estratégica e sustentável. Tudo isso associado ao uso de Inteligência Artificial (IA) na tomada de decisão, facilitando a compreensão dos dados e agilizando os processos.

Somado a isso, as iniciativas devem continuar focadas em manter viva a biodiversidade do planeta, escolhendo por alternativas de manejo mais sustentáveis. “Elas priorizarão uma cadeia produtiva mais verde de ponta a ponta, considerando o engajamento das pessoas, gestão correta de recursos naturais e tomada de decisão orientada pelos critérios ESG”, concluem. ■

NUM FUTURO PRÓXIMO, O BRASIL TEM POTENCIAL DE PROTAGONIZAR AS SEGUINTE PRÁTICAS VERDES:



BIOCOMBUSTÍVEIS E BIOENERGIA

Produção de energia limpa,
como etanol e biodiesel,
reduzindo emissões de carbono



AGRICULTURA REGENERATIVA

Recupera o solo e captura carbono,
promovendo sustentabilidade



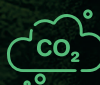
SISTEMAS DE INTEGRAÇÃO

Integra lavoura, pecuária e
floresta, aumentando
produtividade e preservação



AGRICULTURA DE PRECISÃO

Uso de tecnologia para otimizar
insumos e reduzir impactos
ambientais



MERCADO DE CARBONO

Negociação de créditos por
redução de emissões
e conservação ambiental



PRODUÇÃO DE ALIMENTOS SUSTENTÁVEIS

Práticas que minimizam impactos
ambientais e garantem eficiência



RASTREABILIDADE

Garante transparência na origem
e sustentabilidade dos produtos



CERTIFICAÇÕES

Fontes: Marcos Fava Neves e Leticia Franco Martinez

PORTAL FEED&FOOD, INFORMAÇÃO E NOTÍCIAS A QUALQUER HORA DO DIA

CONECTE-SE COM
AS INOVAÇÕES E TENDÊNCIAS
DA CADEIA GLOBAL DE
PRODUÇÃO DE PROTEÍNA
ANIMAL.



Acesse agora
e confira
nossos conteúdos
exclusivos



 **FEED & FOOD**
XCLUSIVE

INFORMAÇÃO QUE ALIMENTA O FUTURO



BEM-VINDO (AOS DESAFIOS E AS EMOÇÕES DE) 2025!

A expectativa do Sindirações é alcançar a marca de 90 milhões de toneladas de rações e concentrados, afóra outros quase 4 milhões de toneladas de suplementos ao longo de 2025. A conversão das mais recentes perspectivas (elaboradas pelas entidades representativas) voltadas à produção e exportação das carnes, leite, ovos e organismos aquáticos pode redundar na demanda de aproximadamente 37,9 milhões de toneladas de rações para frangos de corte, 7,7 milhões para poedeiras, 22 milhões para suínos, 7,3 milhões para bovinos leiteiros, 7,7 milhões para bovinos de corte e mais de 1,8 milhão para peixes e camarões. Adicionalmente, as demais espécies (cães e gatos, equinos, ovinos, caprinos, perus, patos, codornas, cobaías, etc.) devem demandar algo em torno de 5,5 milhões de toneladas.

Evidentemente, o desempenho projetado para o setor (à exemplo da cadeia agropecuária em geral) será favorecido ou prejudicado, dependendo da intensidade dos eventos naturais (alterações climáticas extremas combinadas ao possível efeito La Niña), dos fatores externos (sobretaxas, protecionismo, câmbio, preço das commodities energéticas e alimentares) e aqueles exclusivamente domésticos (déficit fiscal, inflação, taxa de juros).

Por enquanto, a Conab (4ª. Levantamento/Conab - Safra 2024/2025, janeiro 2025) estima recorde acima de 322 milhões de toneladas sustentado pelo clima favorável registrado durante o desenvolvimento das culturas de primeira safra e bastante diferente do ocorrido no ano passado, ocasião em que a soja e o milho foram severamente prejudicados pela demora na regularização das chuvas na região Centro-Oeste, Matopiba, São Paulo e Paraná e os alagamentos no Rio Grande do Sul, além da seca rigorosa com as queimadas que derrubaram a produtividade dos canaviais em São Paulo.

Por sua vez, o “Tio Sam”, ou melhor, Donald Trump (Yes, He´s back!), traz perturbação por causa das ameaças de elevação de tarifas nas importações e provável aumento da inflação e

incremento da taxa de juros nos Estados Unidos, e da “Declaração de Emergência Energética Nacional” (perfuração de mais poços de petróleo e gás, bloqueio das políticas de “extremismo climático”, encerramento do leasing/cessão de terras para usinas eólicas e debandada do Acordo de Paris) e sua provável consequência sobre os preços globais dos fósseis e dos biocombustíveis agrícolas (etanol de milho e biodiesel da soja).

Em relação ao dever de casa “tupiniquim”, aquele robusto plano de corte de gastos necessário ao ajuste fiscal e anunciado há mais de dois anos, continua na promessa, já que a versão encaminhada pelo Governo em dezembro passado seguiu desidratada, ou propôs apenas redução no ritmo de crescimento de algumas despesas, ao invés do corte estrutural para preservação do arca-

bouço fiscal. É flagrante que a política monetária do Banco Central não tem sido capaz de manter a inflação sob controle, portanto, o Governo precisa interromper o ritmo fiscal expansionista.

Ademais, a Lei 214/2025, sancionada recentemente, implementou a novíssima sistemática tributária (IBS, CBS, Seletivo), que transcorrerá paralelamente ao regime atual (PIS, Cofins, ICMS, ISS, IPI na Zona Franca de Manaus), até o início de 2033, quando se completará definitivamente a transição. É recomendável que os empreen-

dedores da indústria de alimentação animal iniciem atenta avaliação de algumas das inovações, por exemplo, a redução de 60% de alíquota para os insumos agropecuários classificados na NCM 2309.90 e algumas outras posições tarifárias; o diferimento quando do fornecimento para produtor rural não contribuinte que vende para adquirentes com direito à apropriação de créditos presumidos; a tomada de crédito amplo somente quando o tributo efetivamente recolhido, que implica diretamente no fluxo de caixa; e finalmente a futura modelagem da conformidade para cumprimento das obrigações.

Ano novo desafiador e, quem sabe, emocionante. ■

A EXPECTATIVA DO SINDIRAÇÕES É ALCANÇAR A MARCA DE 90 MILHÕES DE TONELADAS DE RAÇÕES E CONCENTRADOS, AFORA OUTROS QUASE 4 MILHÕES DE TONELADAS DE SUPLEMENTOS AO LONGO DE 2025



Ariovaldo Zani

é médico veterinário, CEO do Sindirações; Presidente da Câmara de Sustentabilidade e Bem Estar Animal/ABPA; Presidente do Conselho Consultivo de Insumos Agropecuários e Indústria Extrativa/SENAI SP arizanni@uol.com.br

Magni-Phi®

OTIMIZE A
PRODUTIVIDADE
DAS AVES COM
**NUTRIÇÃO
FUNCIONAL**



**1º MELHORADOR
DE DESEMPENHO
NATURAL**

★ APROVADO PELO MAPA ★



Acesse
o qr code
e assista
ao vídeo
sobre
Magni-Phi®

0800 722 8011

www.phibrosaudeanimal.com/magni-phi/

©2024 Phibro Animal Health Corporation. Phibro, design do logotipo Phibro, Healthy Animals, Healthy Food, Healthy World, e Magni-Phi são marcas comerciais de propriedade ou licenciadas pela Phibro Animal Health Corporation ou suas afiliadas.

**HEALTHY ANIMALS.
HEALTHY FOOD.
HEALTHY WORLD.®**

Phibro
ANIMAL HEALTH CORPORATION

PRODUÇÃO DE AVES E SUÍNOS COMEMORA BONS NÚMEROS EM 2024

SETORES FECHAM O ANO COM ALTA NA PRODUÇÃO,
EXPORTAÇÕES FORTALECIDAS E CONSUMO INTERNO AQUECIDO;
PROJEÇÕES INDICAM NOVOS RECORDES

GLAUCIA BEZERRA

glaucia@dc7comunica.com.br

A avicultura e a suinocultura brasileira encerraram 2024 com números impressionantes, reforçando o papel estratégico dos setores para a economia nacional e para o abastecimento global de proteínas. Impulsionados por um cenário de aumento na produção e diversificação de mercados externos, os setores se preparam para um novo salto em 2025, com expectativa de abertura de mercados e aumento do consumo interno, como projeta a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA).

A produção de **carne de frango** deve atingir 15 milhões de toneladas em 2024, um avanço de 1,1% em relação a 2023. Desse total, 9,7 milhões de toneladas foram destinadas ao mercado interno, com um consumo per capita de 45,6 quilos, também 1,1% superior ao ano anterior. O volume exportado deve chegar a 5,3 milhões de to-

neladas, um crescimento de 3,1% em relação a 2023, quando foram embarcados 5,139 milhões de toneladas.

Para 2025, a ABPA projeta uma produção de até 15,3 milhões de toneladas de carne de frango (+2,7%), com o mercado interno consumindo 9,9 milhões de toneladas (+2,1%) e o consumo per capita subindo para 46,6 quilos (+2,2%). As exportações podem chegar a 5,4 milhões de toneladas (+1,9%), com destaque para novas aberturas comerciais na América Central e países da África. “O quadro econômico brasileiro deverá manter sustentados os níveis de consumo no mercado interno, apoiados pela manutenção da competitividade do setor”, avalia Ricardo Santin, presidente da ABPA.

A **suinocultura** também apresentou resultados expressivos. Em 2024, a produção alcançou 5,35 milhões de toneladas, um crescimento de 3,8% em relação a 2023, com 5,156 milhões de toneladas. A disponibilidade interna da proteína totalizará cerca de 4 milhões de toneladas, número 1,9% superior à disponibilidade registrada no ano anterior, com 3,926 milhões de toneladas. O consumo per capita do setor em 2024 crescerá até 3,8%, podendo alcançar 19 quilos per capita.

Já as exportações do setor deverão fechar o ano com 1,35 milhão de toneladas embarcadas, saldo até 9,8% superior ao registrado em 2023, com 1,23 milhão de toneladas. Em 2025, a suinocultura brasileira projeta uma produção de até 5,45 milhões de toneladas (+2%), com disponibilidade interna de 4 milhões de toneladas (estável), consumo per capita de 19 quilos (estável) e exportações alcançando até 1,45 milhão de toneladas (+7,4%). ▶

CARNE DE FRANGO

Produção em 2024

+ 15 milhões
de toneladas

+ 1,1%

comparado a 2023

Consumo interno

9,7 milhões
de toneladas

Consumo per capita

45,6 kg (+1,1%)

Exportação

5,3 milhões
de toneladas

CARNE SUÍNA

Produção em 2024

5,35 milhões
de toneladas

Consumo interno

+ 3,8%

Mercado interno

4 milhões
de toneladas

Exportação (projeção)

1,35 milhões
de toneladas

“No mercado externo, existe expectativa de melhora do fluxo para a China, além da habilitação de novas plantas para destinos da América Latina, que se somarão à continuidade da demanda de mercados em pré-listing, como Filipinas e Chile. O consumo interno de carne suína deverá ser influenciado positivamente pela boa competitividade do produto entre as carnes, também influenciado pelos custos de produção em patamares equilibrados”, explica Santin.

O setor de **ovos** também registrou crescimento expressivo. Em 2024, a produção alcançou 57,6 bilhões de unidades, um avanço de 9,8% em relação ao ano anterior. O consumo per capita atingiu 269 unidades, alta de 11,2%, consolidando o ovo como item essencial na dieta do brasileiro. No en-

OVOS

Produção em 2024

57,6 bilhões de unidades

+ 9,8%

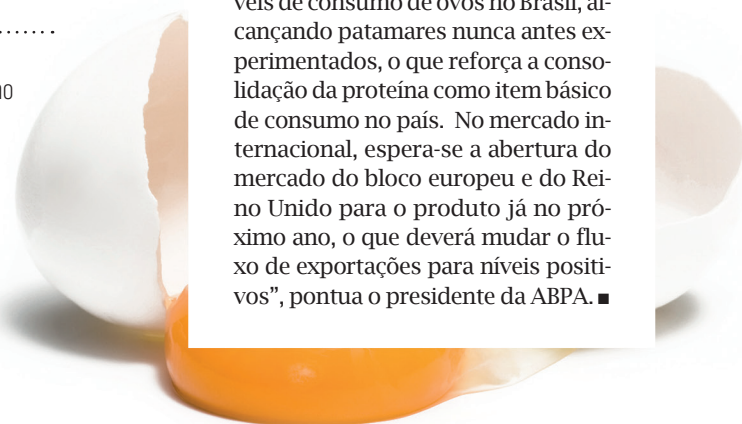
em relação a 2023

Crescimento do consumo interno

11,2%

tanto, as exportações do setor tiveram queda, somando 18 mil toneladas (-29,5%) em comparação a 2023.

Já as projeções para 2025 feitas pela ABPA projetam uma produção de 59 bilhões de unidades (+2,4%), com consumo per capita de até 272 unidades (+1,1%) e embarques de 21 mil toneladas (+16,7%). “Há expectativas otimistas sobre o incremento dos níveis de consumo de ovos no Brasil, alcançando patamares nunca antes experimentados, o que reforça a consolidação da proteína como item básico de consumo no país. No mercado internacional, espera-se a abertura do mercado do bloco europeu e do Reino Unido para o produto já no próximo ano, o que deverá mudar o fluxo de exportações para níveis positivos”, pontua o presidente da ABPA. ■



PROJEÇÃO BRASILEIRA

OVOS

	2023	2024*	2025*	VAR. (%) 2024/2023	VAR. (%) 2025/2024
PRODUÇÃO (bilhões de unidades)	52,448	ATÉ 57,600	ATÉ 59,000	ATÉ + 9,8%	ATÉ + 2,4%
EXPORTAÇÃO (toneladas)	25,404	ATÉ 18,000	ATÉ 21,000	ATÉ - 29,1%	ATÉ + 16,7%
CONSUMO PER CAPTA (unidades/hab)	242	269	ATÉ 272	ATÉ + 11,2%	ATÉ + 1,1%

CARNE SUÍNA

	2023	2024*	2025*	VAR. (%) 2024/2023	VAR. (%) 2025/2024
PRODUÇÃO (milhões ton)	5,156	ATÉ 5,350	ATÉ 5,450	ATÉ + 3,8%	ATÉ + 2,0%
EXPORTAÇÃO (milhões ton)	1,230	ATÉ 1,350	ATÉ 1,450	ATÉ + 9,8%	ATÉ + 7,4%
DISPONIBILIDADE (milhões ton)	3,926	~4,000	~4,000	ATÉ + 1,9%	ESTÁVEL
PER CAPTA (KG)	~18,3	ATÉ 19,0	ATÉ 19,0	ATÉ + 3,8%	ESTÁVEL

CARNE DE FRANGO

	2023	2024*	2025*	VAR. (%) 2024/2023	VAR. (%) 2025/2024
PRODUÇÃO (milhões ton)	14,833	14,900-15,000	15,200-15,300	ATÉ + 1,1%	ATÉ + 2,7%
EXPORTAÇÃO (milhões ton)	5,139	~5,300	ATÉ 5,400	ATÉ + 3,1%	ATÉ + 1,9%
DISPONIBILIDADE (milhões ton)	9,694	~9,700	~9,900	ESTÁVEL	ATÉ + 2,1%
PER CAPTA (KG)	45,1	~45,6	ATÉ 46,6	ATÉ + 1,1%	ATÉ + 2,2%

Único butirato de sódio de alta concentração realmente protegido do mercado



- Butirato de sódio (54%) quimicamente protegido
- Alta concentração de ácido butírico (43%)
- Estável aos processos de peletização e extrusão
- Ação sobre vilosidades intestinais
- Principal liberação no intestino delgado
- Melhor custo X benefício em fonte de ácido butírico

Widara

Great Place
to Work.
Certificada
ANVISA - BRASIL



NOVATION
new action in nutrition



RESILIÊNCIA E REINVENÇÃO GAÚCHA

CONBRASFRAN REUNIU O SETOR AVÍCOLA PARA DISCUTIR DESAFIOS E OPORTUNIDADES DA AVICULTURA DE CORTE, DESTACANDO A SUPERAÇÃO APÓS TRAGÉDIA CLIMÁTICA E A BUSCA POR NOVOS CAMINHOS PARA O FUTURO

CAMILA SANTOS, DE GRAMADO (RS)
camila@dc7comunica.com.br

No coração da serra gaúcha, onde o horizonte se perde em montanhas, um clima de esperança e reconstrução tomou conta da Conbrasfran 2024. O evento, realizado em novembro do ano passado, em Gramado (RS), foi mais do que uma conferência técnica; foi um símbolo da capacidade de renascimento da avicultura gaúcha, que enfrentou uma das maiores provações de sua história.

O Rio Grande do Sul, castigado por enchentes e desastres climáticos que deixaram marcas profundas, viu parte de sua produção avícola ser atingida diretamente. Regiões responsá-

veis por até 21% da produção estadual foram afetadas, mas, como um farol em meio à tempestade, o setor mostrou que é possível reconstruir, reinventar e seguir em frente.

“O que vivemos foi uma tragédia, mas também uma lição de resiliência”, afirmou José Eduardo dos Santos, presidente da Associação Gaúcha de Avicultura (Asgav) e da Conbrasfran 2024. Neste período, a avicultura gaúcha não parou. O Estado encontrou forças para se reerguer e continuar a alimentar o mundo, e mesmo com a dificuldade de acesso a recursos prometidos pelo governo, a região avançou com suas

próprias soluções: “A edição de 2024 da Conbrasfran foi um símbolo da resiliência do Estado e reforçou a força e a capacidade de reinvenção do setor”.

Com esse clima otimista, a Conbrasfran foi um espaço de diálogo, onde profissionais, empresários e especialistas de sete áreas distintas da atividade reuniram-se por um objetivo comum: olhar para o futuro com esperança e planejamento.

Em meio a painéis e debates, um tema se destacou: a necessidade de planejamento estratégico para 2025. “Apesar do impacto no crescimento esperado para 2024, vejo 2025 co-

mo um ano promissor”, afirmou José Eduardo. Para ele, a trajetória do setor consolidada no mercado internacional e a força da agricultura são pilares que continuarão sustentando o Brasil.

O compromisso da Asgav com a competitividade e inovação, ressaltando o papel das empresas de todos os portes, também teve espaço nas discussões. “O futuro do setor avícola passa pela criatividade, integração e uso de tecnologias emergentes. É um trabalho coletivo, onde a inteligência de mercado, a valorização das marcas e a tradição local se encontram para criar diferenciais no mercado nacional e internacional”, realçou o presidente da Asgav.

Na agenda social do evento – marca registrada dos encontros organizados pela associação –, o ponto alto foi o tradicional “Jantar do Galo”. “É um momento especial para unir a cadeia produtiva, celebrar conquistas e homenagear aqueles que se destacaram na defesa da avicultura”, explicou.

MÃO NA MASSA. Além dos eventos sociais e palestras técnicas, a Asgav reservou um momento da programação para apresentar as ações e os resultados das campanhas de valorização do setor avícola realizadas pela associação, que promovem o consumo da carne de frango e ovos no Estado. “Nosso objetivo é engajar o consumidor, conectando-o às marcas por meio de emoções e experiências marcantes. A terceira fase da campanha, por exemplo, teve forte apelo às tradições gaúchas, incluindo slogans como ‘Quem quer sabor e tradição escolhe a carne de frango daqui’”, destacou o presidente.

No total foram três edições da campanha realizadas até aquele momento, que buscaram fortalecer a presença das marcas gaúchas no mercado. “O Brasil é líder global na produção e exportação de carnes, com o setor avícola desempenhando um papel estratégico. É por isso que devemos destacar o valor da proteína que produzimos”, discorreu.

O uso de inteligência de mercado também tem espaço nas ações de marketing, colaborando para o aumento do consumo das proteínas. “Ferramentas como a Intel GMPD têm auxiliado na análise de tendências, inovação e desenvolvimento de novos produtos”,



“ APESAR DO IMPACTO NO CRESCIMENTO ESPERADO PARA 2024, VEJO 2025 COMO UM ANO PROMISSOR ”

EDUARDO DOS SANTOS, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO GAÚCHA DE AVICULTURA (ASGAV) E DA CONBRASFRAN

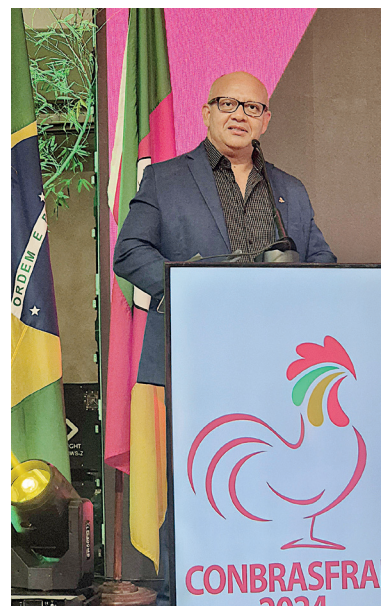
disse Eduardo que informou que entre 2023 e 2024 foram lançados 263 novos produtos no mercado, com destaque para processados e análogos à carne.

Além disso, as campanhas também contaram com influenciadores digitais para atingir um público jovem, ampliando o alcance por meio de redes sociais e mídia tradicional. “Com alcance de mais de dois milhões e custos operacionais reduzidos, a terceira edição gerou um engajamento significativo”, afirmou.

CONBRASUL JÁ TEM DATA MARCADA. Enquanto a Conbrasfran 2024 celebrou a resiliência da avicultura de corte, a avicultura gaúcha já se prepara para o próximo grande evento: a Conbrasul Ovos 2025, que ocorrerá de 1 a 3 de junho, também em Gramado.

O presidente da Asgav e coordenador do evento destacou que a Conbrasul Ovos entra em sua quinta edição como um evento de referência regional, nacional e internacional: “Recebemos visitantes de diversos países e empresários de todos os Estados do Brasil. A edição deste ano vem para consolidar ainda mais a importância da indústria e produção de ovos no agronegócio brasileiro”.

O evento abordará temas como sustentabilidade ambiental, comportamento do consumidor, inovação e



tecnologias para o setor. “Teremos debates sobre como a produção de ovos contribui para a sustentabilidade social e ambiental, além de cases que impulsionam o consumo dessa proteína tão essencial”, explicou José Eduardo.

Uma novidade desta edição será a mudança na estrutura organizacional, com participantes de empresas fornecedoras de equipamentos, tecnologias e serviços podendo participar apenas na condição de patrocinadores. “Essa medida garante a isonomia e valoriza aqueles que investem e apoiam o evento”, disse.

Além dos debates e negócios, a Conbrasul Ovos promete momentos de confraternização, como o tradicional “Jantar Temático”, que neste ano terá como tema “Uma Noite na Holanda”. “Será uma oportunidade para celebrar conquistas, fortalecer laços e prospectar novas parcerias”, concluiu José Eduardo. ■

ESTRATÉGIAS QUE ESTÃO ALAVANCANDO A PECUÁRIA BRASILEIRA

TECNOLOGIA, MANEJO EFICIENTE E CORREÇÃO DE SOLO SÃO ÁREAS QUE MERECEM ATENÇÃO DOS PRODUTORES. TEMAS FORAM DISCUTIDOS DURANTE WORKSHOP EM GOIÂNIA – UMA PARCERIA DA COAN CONSULTORIA E INTENSIVA CONSULTORIA

VALERIA CAMPOS, DE GOIÂNIA (GO)
valeria@dc7comunica.com.br

Em 2024, a pecuária brasileira bateu recordes de produção de carne, de exportação e de disponibilidade para o mercado interno. Esse desempenho atestou, mais uma vez, a potência da atividade verde e amarela ao levar segurança alimentar para diversos países e trazer dividendos ao Brasil.

Como motor desse crescimento, o setor tem investido em diversas áreas para elevar a qualidade da proteína animal, e nesta lista, os aportes em tecnologias estão em alta. Os números compro-

vam. Em 30 anos, o País aumentou em 190% a sua produtividade na pecuária brasileira, compartilha Maurício Palma Nogueira, sócio Diretor da Athenagro.

E a tendência agora é que essa ampliação continue, pois a atividade entrou em um ambiente extremamente competitivo. “Ou você faz, ou você sai do mercado, o que antes era coisa de visionário, hoje já é obrigação. Então, a tendência é só aumentar o aporte tecnológico”, projeta Maurício.

Para tanto, diz o sócio Diretor da Athenagro, o produtor precisa se pla-

nejar, ter um horizonte de previsibilidade ou, pelo menos, possuir os alertas que podem mudar essa previsibilidade. “Estamos entrando em um momento que tende a dar um pouco mais de segurança para fazer investimentos, especialmente em tecnologia”.

E para obter sucesso nessa jornada, o ponto central é ter uma visão de longo prazo para se preparar e fugir dos riscos.

No campo da oportunidade, a bioenergia surge como uma peça-fundamental nesse novo ano que entra. Mas, como bem pontou Maurício, o setor precisará modificar seu olhar para esta temática: “Se começarmos a levar mais a sério o assunto de carbono, iremos nos posicionar em bioenergia”.

Isso muda o jogo da pecuária, diz o sócio Diretor, pois a atividade começa a trabalhar com produtividades mais altas: “Espertos serão os produtores que irão trabalhar com melhorias dos pastos, junto com a disponibilidade de comida”. De acordo com ele, esses profissionais sairão na frente e lucrarão mais.

Essa discussão fez parte do Workshop Pecuária Intensiva a Pasto, realizado de 11 a 13 de dezembro de 2024, em Goiânia (GO). A iniciativa foi uma parceria entre Coan Consultoria e Intensiva Consultoria.

OS CAMINHOS PARA UM MANEJO EFICIENTE. Na atualidade, o principal desafio do pecuarista está atrelado ao manejo de pastagens. Em outras palavras, diz Rogério Coan, diretor Técnico da Coan Consultoria, o pecuarista erra bastante na altura de entrada e saída das diferentes espécies forrageiras e acaba não calculando a taxa de lotação de acordo com a forragem disponível.

Como consequência, surgem falhas na capacidade de suporte do projeto, levando o produtor a operar com uma taxa de lo-



tação mais alta do que o sistema permite. “Esse descompasso leva a uma degradação mais precoce das áreas de pastagens. Esse problema está diretamente ligado a falhas no manejo, à reposição inadequada de nutrientes e à ausência de controle sobre plantas invasoras, ou seja, todos os tratamentos culturais que são pertinentes a uma pecuária competitiva e rentável”, ressalta.

Para contornar esse problema, é preciso realizar um monitoramento constante do sistema de produção, começando por um conhecimento mais a fundo sobre as espécies forrageiras. Em seguida, é necessário analisar bem as categorias animais que serão colocadas nessas áreas. Além disso, definir um critério de reposição de nutrientes é essencial.

“Todas essas práticas podem auxiliar o pecuarista a trabalhar estratégias do sistema de produção, principalmente na entrada do período chuvoso. Um exemplo dessa mentalidade é visto no confinamento estratégico para recria, onde o pecuarista acaba favorecendo o sistema de produção como um todo pelo fato de aliviar as áreas de pastagens em uma fase do ano bastante crítica”, discorre Coan.

COMO FAZER UMA BOA CORREÇÃO E ADUBAÇÃO DOS SOLOS. De um modo geral, no Brasil, quase que como um todo, os solos são naturalmente de baixa fertilidade. E o que acontece com es-

sas áreas? As plantas forrageiras encontradas nesses lugares não fazem nenhum tipo de correção e adubação, ou seja, produzem pouco.

E daí a importância de olhar com atenção para este tema. Considerando que a maior parte da produção no Brasil é a pasto, para produzir capim, é preciso ter fertilidade. Diante disso, o pecuarista precisa utilizar algum fertilizante para melhorar a produção – e uma das soluções é a aplicação do NPK.

“Para o pecuarista aumentar a sua produtividade, ele precisa ampliar a taxa de lotação e o ganho de peso por animal. Com consequência, ele tem um ganho por área. Então, a fertilidade do solo impactará diretamente nessa produtividade, pois o uso do adubo será essencial para obter os melhores resultados”, explica Washington Mesquita, diretor Técnico da Intensiva Consultoria.

O caminho para ter sucesso nas estratégias é começar olhando para as áreas que terão menos gastos e mais resultados. Isso significa, diz Washington, que o pecuarista precisa entender o sistema dele e identificar onde estão os solos com mais fertilidade, um capim de melhor resposta e adubação, e começar por ali: “Primeiramente, claro, fazendo um bom manejo de pastagens”.

De acordo com o diretor Técnico ►

“A LIÇÃO DE CASA PARA 2025 E 2026 É FOCAR EM PRODUTIVIDADE, EFICIÊNCIA, GESTÃO E PLANEJAMENTO”, REALÇA **ROGÉRIO COAN**

co da Intensiva Consultoria, essa atenção é uma tarefa básica. Depois de um bom manejo de pastagens e uma ótima eficiência de pastejo, inicia-se uma adubação: “Onde? No piquete mais degradado da fazenda para recuperar, ou no pasto que já está produzindo bem? A resposta é no pasto que está produzindo bem, porque ele terá uma melhor resposta e menos gasto com adubo”.

Traduzindo, o pecuarista deve começar sempre do melhor para o pior. Em solos mais degradados, a dica é baixar a lotação e trabalhar com uma maior oferta de forragem. Como resultado, o animal ganhará mais peso e o pasto se recuperará por si só. “A intensificação tem que ser contínua e crescente. Normalmente, se ela decresce, há prejuízos. Então, não importa se é no solo ou na nutrição, precisamos sempre investir”, detalha Washington.

E, portanto, conclui, o importante é o pecuarista possuir um solo equilibrado, uma área que, no mínimo, tenha uma fertilidade média: “Nos anos ruins, se for preciso economizar adubo, ou até mesmo não utilizar, o produtor não terá prejuízos, pois o solo continuará produtivo. E, nos períodos bons, o melhor caminho é continuar investindo nas áreas produtivas”.

Ao direcionar os negócios para essa direção, o pecuarista ganha rentabilidade e fomenta um negócio mais sustentável. Na visão de Washington, a combinação desses dois fatores com a fertilização do solo e uso de tecnologias será essencial para alavancar a pecuária brasileira.

“Então, a lição de casa para 2025 e 2026 – que tendem a ser períodos de virada do ciclo pecuário com reposição mais alta e remuneração da arroba também mais alta – é focar em produtividade, eficiência, gestão e planejamento. É realmente trazer o conceito empresarial para a fazenda”, encerra Rogério Coan. ■

“O PECUARISTA PRECISA COMEÇAR SEMPRE DO MELHOR PARA O PIOR. EM SOLOS MAIS DEGRADADOS, A DICA É BAIXAR A LOTAÇÃO E TRABALHAR COM MAIOR OFERTA DE FORRAGEM”, DESTACA **WASHINGTON MESQUITA**

“ESTAMOS ENTRANDO EM UM MOMENTO QUE TENDE A DAR UM POUCO MAIS DE SEGURANÇA PARA FAZER INVESTIMENTOS, ESPECIALMENTE EM TECNOLOGIA”, DISCORRE **MAURÍCIO PALMA NOGUEIRA**



WORKSHOP PECUÁRIA INTENSIVA A PASTO RECEBEU MAIS DE 280 PESSOAS EM GOIÂNIA



DESCUBRA A CHAVE DO SUCESSO PARA MINIMIZAR O ESTRESSE TÉRMICO.

DCAD Plus fornece aos animais o potássio necessário para manter o desempenho e melhorar a produtividade. A reposição do potássio (K) perdido na produção e na manutenção diária é essencial para garantir a homeostase e consequentemente, a produção. E quando as temperaturas aumentam, o DCAD Plus auxilia no combate do estresse térmico, apoiando o metabolismo ácido-base do sangue, garantindo o desempenho saudável durante todo o ano.

DCAD Plus é a fonte ideal de Potássio para os seus animais. Seguro e muito mais eficiente.



#ScienceHearted

Para saber mais, entre em contato com seu nutricionista ou representante ARM & HAMMER™ ou visite AHfoodchain.com.

© 2024 Church & Dwight Co., Inc. ARM & HAMMER, DCAD Plus e seus logotipos são marcas registradas da Church & Dwight Co., Inc. PCP0RT09245328

PECUÁRIA BRASILEIRA AVANÇA NO CENÁRIO GLOBAL

SETOR REGISTRA AUMENTO NA PRODUÇÃO,
EXPORTAÇÕES E **ADOA PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS** PARA
FORTALECER A COMPETITIVIDADE EM 2025

GLAUCIA BEZERRA
glauca@dc7comunica.com.br

A pecuária de corte brasileira registrou um desempenho notável em 2024, consolidando-se como um dos principais setores do agronegócio nacional. Até novembro, a produção aumentou 1,5 milhão de toneladas de carcaça no mercado formal, em relação ao mesmo período de 2023. As exportações cresceram 754,7 mil toneladas, enquanto a disponibilidade interna ao consumidor subiu 770 mil toneladas. Em termos percentuais, a produção avançou 18,7%, as exportações 28,3% e a disponibilidade interna 14,08%.

Esse desempenho é atribuído ao avanço tecnológico no setor, que vem se intensificando nas últimas décadas. Maurício Nogueira, diretor da Athena-

gro e coordenador do Rally da Pecuária destaca que, recentemente, o estímulo das exportações para a China acelerou a adoção de tecnologias na pecuária. “Essa aceleração explica o desempenho do ano, bem acima da média quando se considera apenas os efeitos do aumento de abate de fêmeas, típico das fases de baixa do ciclo pecuário”, afirma.

Os mercados mais relevantes para as exportações brasileiras em 2024 foram China, Estados Unidos, Emirados Árabes Unidos e Chile, que juntos representaram 62% das importações de carne brasileira. Em termos de faturamento, esses quatro países foram responsáveis por 65% do total exportado entre janeiro e novembro. Além disso, houve crescimento nas exporta- ▶



ções para mercados emergentes como Argélia, México e Turquia, demonstrando a diversificação e ampliação da presença global da carne brasileira.

SUSTENTABILIDADE COMO DIFERENCIAL COMPETITIVO. A produtividade está diretamente ligada às práticas sustentáveis, aponta Maurício, reforçando a importância de atender às exigências do mercado externo. Ele explica que, no contexto tropical brasileiro, com solos pobres e maior incidência de pragas, o uso de insumos é necessário para garantir a produção. “Há uma confusão entre práticas sustentáveis e uma agenda contrária ao uso de insumos. O objetivo da sustentabilidade, assim como da eficiência produtiva, é maximizar o uso eficiente de insumos, adotando bioinsumos, manejo integrado de pragas e sistemas produtivos integrados”, esclarece.

Os resultados comprovam os avanços da pecuária brasileira. Entre o início da década de 1990 e o período de 2021 a 2024, a produção de carne cresceu 150%, enquanto o rebanho aumentou 30,4%. Isso reduziu significativamente as emissões de carbono por quilograma de carne produzida. As exportações registraram alta de 640%, enquanto houve acréscimo

ENTRE O INÍCIO DA DÉCADA DE 1990 E O PERÍODO DE 2021 A 2024, A PRODUÇÃO DE CARNE CRESCEU 150%, ENQUANTO O REBANHO AUMENTOU 30,4%. ISSO REDUZIU SIGNIFICATIVAMENTE AS EMISSÕES DE CARBONO POR QUILOGRAMA DE CARNE PRODUZIDA

de 98% na disponibilidade de carne no mercado interno. Com isso, o consumo per capita estimado de carne bovina aumentou 45% no período.

Ao mesmo tempo, a área de pastagens diminuiu 14,6%, mesmo considerando todo o desmatamento do período como novas áreas de pastos. A produtividade média, por sua vez, aumentou 190%, demonstrando os ganhos de eficiência do setor. “Isso prova que

a pecuária de corte não é demandante por novas áreas, podendo ser aliada aos compromissos formalizados pelo Governo brasileiro em relação à recuperação e conversão de áreas de pastagens degradadas e/ou de baixa produtividade”, afirma Maurício.

OPORTUNIDADES E DESAFIOS PARA 2025.

A carne bovina brasileira continua ganhando destaque no mercado global, impulsionada por uma série de iniciativas e avanços que posicionam o Brasil como um dos principais exportadores de proteína animal. Roberto Perosa, presidente da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec), pontua que, em 2024, o Brasil deve exportar quase 3 milhões de toneladas de carne bovina, gerando uma receita de aproximadamente 13 bilhões de dólares. Esse número reflete um crescimento significativo nas exportações, consolidando o País como um player de peso no mercado global de carne. “Estamos em um momento muito positivo, com perspectiva de aumento tanto de produção quanto de exportação para o próximo ano”, afirma Perosa.

O Brasil está expandindo sua presença em mercados que antes não tinha muito espaço, especialmente



ROBERTO PEROSA
É PRESIDENTE DA
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DAS INDÚSTRIAS
EXPORTADORAS
DE CARNE (ABIEC)

na Ásia. Segundo Maurício Nogueira, essa conquista é resultado de um esforço conjunto entre a iniciativa privada, liderada pela Abiec, e órgãos governamentais como Ministério da Agricultura, Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil) e o Ministério das Relações Exteriores. “Ainda temos grandes oportunidades pela frente, mas é imprescindível que o setor equilibre as demandas crescentes do mercado internacional com a capacidade de produzir cada vez mais dentro do país”, pontua.

Apesar dos avanços nas últimas três décadas, Maurício ressalta que a produtividade média nacional ainda é baixa em comparação às fazendas mais tecnificadas. Ele também destaca que uma das maiores ameaças para a pecuária brasileira em 2025 está relacionada às questões sanitárias. “A estrutura fundiária e a distribuição do rebanho deixam o País muito vulnerável diante de emergências sanitárias”, alerta. Esses desafios demandam atenção redobrada para fortalecer a competitividade do setor e garantir sua expansão sustentável no mercado global.



MAURÍCIO NOGUEIRA
É DIRETOR DA
ATHENAGRO
E COORDENADOR
DO RALLY DA
PECUÁRIA

O Brasil tem demonstrado um grande potencial para atender às exigências crescentes do mercado externo em 2025. “E tem obtido muito sucesso no processo. Além da seriedade no esforço de abertura dos mercados, o setor vem sendo capaz de garantir a confiabilidade do abastecimento e a qualidade do produto ofertado”, diz o diretor da Athenagro. Entre 2018 e 2024, muitas conquistas foram consolidadas, especialmente em relação à idade e qualidade de terminação dos animais que chegam ao mercado. “Apesar da quantidade de desinformações que associam a pecuária nacional a práticas ilegais, como o desmatamento criminoso ou não autorizado, o mercado reconhece cada vez mais a diferenciação do que está sendo entregue pelos brasileiros”, considera Maurício.

Já Roberto Perosa está otimista em relação ao futuro, e adianta que o foco da Abiec estará na abertura de novos mercados, como Japão, Vietnã, Coreia do Sul e Turquia, que juntos representam 30% do comércio de proteína bovina no mundo. “Vamos trabalhar para garantir o acesso a esses mercados, ao mesmo tempo em que preservamos

a sustentabilidade e a sanidade da carne brasileira. Confio que esses mercados são fundamentais para o Brasil dar um salto no volume de exportações”.

No mercado interno, o presidente da Abiec reitera a importância da carne bovina ser inserida na cesta básica de alimentos, uma medida que visa ampliar o acesso da população à proteína. “A ideia da permanência da carne na cesta básica, com a redução tarifária, é dar acesso a mais pessoas a essa proteína”, diz. A medida tem gerado expectativas positivas, e a Abiec aguarda a regulamentação em trâmite no Congresso Nacional.

Roberto destaca ainda que o Brasil é vocacionado para o agronegócio, com terras férteis, pessoas dedicadas e um clima ideal para a produção de proteínas. “Jamais pensaríamos em atacar o clima, pois dependemos dele para o sucesso dos nossos negócios”, afirma. O Brasil tem demonstrado ser seguro, com alta sanidade e capacidade produtiva, o que garante sua posição como fornecedor confiável de alimentos para o mundo. “O país está fazendo um trabalho sério no campo, e nossa missão é alimentar não só o povo brasileiro, mas também o mundo, sempre com foco na sustentabilidade e no crescimento contínuo”, finaliza. ■

CRESCIMENTO MODESTO

RECUPERAÇÃO DE CONSUMO E PREÇOS BAIXOS DOS LÁCTEOS

MARCARAM O DESEMPENHO DA ATIVIDADE EM 2024. PARA ESTE ANO, A PERSPECTIVA É DE ENTRAR EM 2025 COM UMA PRODUÇÃO MAIOR

VALERIA CAMPOS

valeria@dc7comunica.com.br

Para o produtor de leite brasileiro, 2024 foi um ano de margens mais baixas no primeiro semestre, principalmente em função dos preços mais baixos praticados no campo. Neste cenário, com o crescimento da demanda durante todo o ano, os preços subiram e as margens ao produtor também, terminando o ano com o indicador Receita Menos Custo da Alimentação (RMCA). (Veja no gráfico 1).

Quem traz essas informações é Valter Galan, sócio do MilkPoint Ventures. Segundo ele, além dos dois cenários diferentes da rentabilidade da produção entre os dois semestres, o setor foi impactado na primeira metade do ano pelos desastres de inundações no Rio Grande do Sul (RS). Isso fez com que a produção caísse naquele Estado, sendo compensada pela produção em Minas Gerais e outras regiões. (Gráfico 2).

“Assim, espera-se que a produção tenha um crescimento modesto no ano (+1% a +1,5% vs 2023)”, prospecta Galan. Outro fator importante, acrescenta, foi a recuperação de consumo gerada, principalmente, pelo ambiente econômico e pelos preços baixos dos lácteos no primeiro semestre do ano.

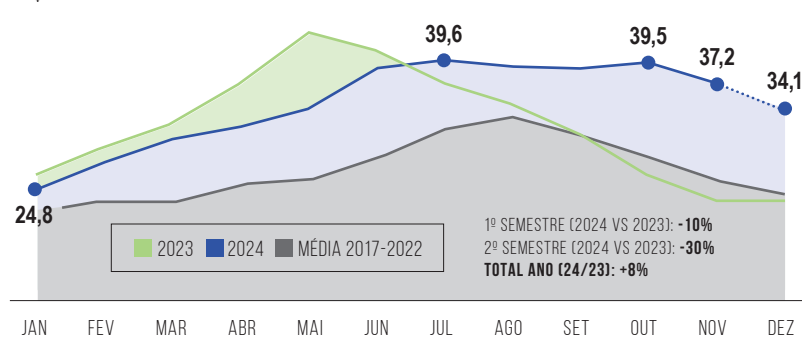
No segundo semestre de 2024, a produção de leite reagiu nas principais bacias leiteiras, como mostra o Índice de Produção de Leite (IPL), que antecipa e está bastante correlacionado com os números oficiais do IBGE. (Gráfico 3). “Do lado da demanda, vimos alguma desaceleração como a subida nos preços dos lácteos, mas, uma recuperação quando estes voltaram a indicar movimento de queda”, realça o sócio do MilkPoint Ventures.

No campo de oportunidades, 2024 foi marcado por um ano onde o produtor teve preços/custos de soja e milho bastante sob controle, o que gerou possibilidades de travamento futuro da cotação de commodities (que, juntas, representam até 50% do custo de produção de leite), utilizando contratos futuros na Bolsa de São Paulo (B3) e na Bolsa de Chicago (CBOT).

Na outra ponta, os desafios do ▶

GRÁFICO 1.

EVOLUÇÃO DO INDICADOR RMCA (RECEITA MENOS CUSTO DA ALIMENTAÇÃO) (R\$/VACA/DIA)

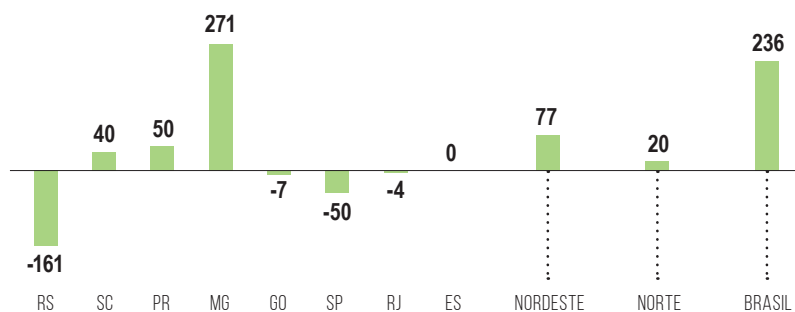


Fonte: MilkPoint Mercado

GRÁFICO 2.

BRASIL - VARIAÇÃO DA CAPTAÇÃO

NO ACUMULADO JANEIRO A SETEMBRO, 2024 VS 2023 (EM MILHÕES DE LITROS DE LEITE)

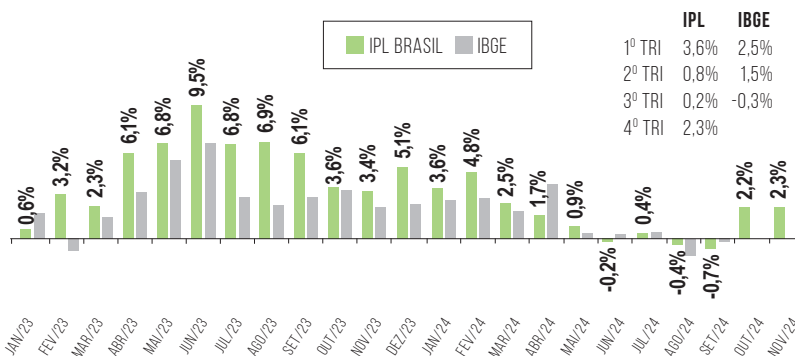


Fonte: elaborado pelo MilkPoint Mercado com base em dados da PTL do IBGE

GRÁFICO 3.

ÍNDICE DE PRODUÇÃO DE LEITE BRASIL (IPL)

VARIAÇÃO MENSAL VS MESMO MÊS DO ANO ANTERIOR



produtor estiveram ligados à gestão de sua atividade em um ano com dois semestres diferentes entre si em relação a preços recebidos e rentabilidade. “Vale destacar que a atividade de produção de leite é de longo prazo (pelo menos 12 meses) e, por isso, deve ser gerenciada com essa perspectiva e não no pensamento de curto prazo que normalmente as discussões de mercado colocam”, informa Galan.

Sobre 2025, o setor entra no novo ano carregando uma razoável inflação de preços – por exemplo, no caso dos preços ao produtor, 2025 deve começar na casa dos R\$ 2,64/litro (média Brasil Cepea), enquanto 2024 começou na casa dos R\$ 2,03/litro – uma inflação “de entrada” da ordem de 30%. O mesmo acontecerá com os preços no varejo ao consumidor final e este efeito tende a dificultar a manutenção da demanda. (Gráfico 4).

Por outro lado, diz Galan, com preços mais altos e rentabilidade começando o ano mais elevada, a atividade tende a ter um aumento mais consistente da produção de leite no país – ou seja, a perspectiva é de entrar em 2025 com mais produção e uma demanda não tão aquecida, o que pode segurar um pouco o ímpeto de crescimento da curva de preços ao longo da cadeia produtiva.

SUSTENTABILIDADE NO SETOR LEITEIRO. A adoção de práticas sustentáveis é uma tendência inquestionável na atividade, destaca a diretora de Comunicação e Marketing da Abraleite (Associação Brasileira dos Produtores de Leite), Maria Antonieta Guazzelli. Para ela, o tripé do conceito – ambiental, econômico e social – é essencial para a gestão eficiente de uma fazenda. “Esse é o foco, a base que organiza a gestão. E é algo infinito; sempre há espaço para melhorar, inovar e aproveitar melhor os recursos”, reforça.

Com isso em mente, os produtores brasileiros investem em diversas frentes no sistema produtivo para avançar em questões importantes. Nesta lista, o bem-estar e a integração da pecuária com

“COM PREÇOS MAIS ALTOS E RENTABILIDADE COMEÇANDO O ANO MAIS ELEVADA, A ATIVIDADE TENDE A TER UM AUMENTO MAIS CONSISTENTE DA PRODUÇÃO DE LEITE NO PAÍS”. REALÇA **VALTER GALAN**

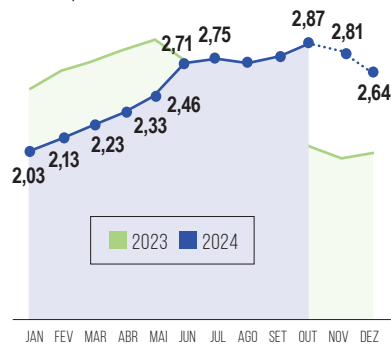
a agricultura são compromissos diários. “A agricultura regenerativa está intrínseca à produção de leite e volumosos, e precisamos aprimorá-la, incluindo o uso de biofertilizantes e o aproveitamento da biomassa”, reforça.

Outro ponto crucial, destaca Maria Antonieta, é o tratamento de resíduos. De acordo com ela, os dejetos podem ser transformados em energia limpa, como o biogás e os sólidos utilizados na compostagem, promovendo uma conexão direta entre sustentabilidade e produtividade no setor leiteiro.

COMPROMISSO COM O CRESCIMENTO DO SETOR. A Abraleite desempenha um papel estratégico no fortalecimento da atividade, especialmente ao integrar práticas alinhadas aos princípios ESG. Conforme compartilha Maria Antonieta, a atuação da entidade abrange diversas frentes, com destaque para as políticas públicas: “Defendemos os interesses do setor nos âmbitos executivo, legislativo e judiciário, com foco em medidas estruturantes que beneficiem, sobretudo, os pequenos e médios produtores, que representam a maior parte da produção de leite no Brasil”.

Outro pilar fundamental é o investimento em marketing e comunicação. Para 2025, a Abraleite planeja lançar uma rede de comunicação voltada diretamente ao consumidor final, buscando aproximar a sociedade do setor

GRÁFICO 4.
PREÇOS DO LEITE AO PRODUTOR (2023 & 2024)
EM R\$



Fonte: elaborado pelo MilkPoint Mercado com base em dados do Cepea

e valorizar os produtos lácteos nacionais. “Acreditamos que uma comunicação efetiva e dinâmica é essencial para conectar produtores, instituições e fornecedores de maneira mais eficiente”, destaca Maria Antonieta.

Além disso, a associação continuará priorizando o acesso a conhecimento e tecnologia, promovendo aprendizado constante para fomentar o crescimento sustentável da cadeia produtiva. “Nossa atuação forte em políticas públicas e o suporte ao desenvolvimento tecnológico são diferenciais que consolidam a Abraleite como protagonista no setor”, conclui. ■



“PARA 2025, A ABRALLEITE PLANEJA LANÇAR UMA REDE DE COMUNICAÇÃO VOLTADA DIRETAMENTE AO CONSUMIDOR FINAL”. DESTACA **MARIA ANTONIETA**

Fotos: divulgação

Suinocultura



Avicultura

 **PLASSON**[®]

**TECNOLOGIA DE PONTA A PONTA!
INOVAÇÃO, EFICIÊNCIA E SERVIÇO AO LADO DO PRODUTOR.**

A Plasson do Brasil está sempre ao lado dos produtores oferecendo soluções completas para Avicultura, Suinocultura e Postura Comercial.

Desenvolvemos tecnologias para reduzir a mão de obra, otimizando a rentabilidade, sempre em conformidade com o bem-estar animal.

Produtores, contem conosco, nós iremos fazer a diferença no seu negócio!

**www.plasson.com.br • +55 (48) 3431-9500
0800 606 9595 - Assistência Técnica 24h**

 **PLASSON**[®]
Livestock

Presença Global - Atendimento Personalizado

UM MAR DE OPORTUNIDADES

CRESCIMENTO NA PRODUÇÃO DE TILÁPIA, **AVANÇOS EM SUSTENTABILIDADE E TECNOLOGIA** CONSOLIDAM A LIDERANÇA BRASILEIRA NA PISCICULTURA

GLAUCIA BEZERRA
glaucia@dc7comunica.com.br

O setor de peixes cultivados no Brasil vivenciou um ano de transição em 2024, marcado por avanços e desafios significativos. O destaque ficou para a cadeia produtiva da tilápia, que registrou um aumento expressivo na oferta, com crescimento estimado em cerca de 10%. Esse movimento, no entanto, gerou uma superoferta, provocando queda nos preços — de uma média de R\$ 9,50/kg para aproximadamente R\$

7,50/kg — e afetando a rentabilidade de muitos produtores. Em contrapartida, o cenário incentivou uma expansão recorde nas exportações, que mais do que dobraram até setembro em relação ao mesmo período de 2023 e podem triplicar no consolidado do ano.

Além do crescimento na produção e no comércio exterior, 2024 também foi marcado por um aumento significativo nos investimentos no setor de piscicultura. Empresas e cooperativas

intensificaram suas ações para fortalecer a cadeia produtiva, com destaque para nomes como Brazilian Fish, Fider Pescados e a Cooperativa Cvale, que lideraram o movimento. Um marco relevante foi a entrada da Copavel no mercado de peixes, com a aquisição de um frigorífico em Cascavel, no Paraná.

Segundo Altemir Gregolin, médico-veterinário, professor da FGV, consultor e ex-Ministro da Pesca, o mercado de tilápia segue em um proces-

so de especialização, com ganhos de escala, abertura de novos mercados e maior concentração, características típicas de cadeias em amadurecimento. No entanto, essa evolução tem seu lado desafiador: muitos pequenos produtores estão deixando a atividade, impactados pela dificuldade de competir em um cenário de preços baixos. “No caso do tambaqui, 2024 representou uma retomada com melhores preços e aumento do povoamento, apontando para um 2025 mais promissor”, complementa.

Para 2025, as perspectivas para o setor de peixes no Brasil são otimistas, impulsionadas por uma combinação de fatores econômicos e de mercado. A expectativa de crescimento econômico em torno de 3%, com aumento do emprego e da renda, deve estimular o consumo de pescado no mercado interno. Além disso, a redução na oferta, resultado do menor povoamento nos últimos meses, pode contribuir para a recuperação dos preços, trazendo alívio aos produtores.

No cenário global, o consumo de pescado seguirá em expansão, conforme projeções da FAO, o que deve

fortalecer ainda mais as exportações brasileiras. O mercado americano permanece como principal destino da tilápia nacional. Para Gregolin, os Estados Unidos continuam sendo o gran-

AS PREVISÕES INDICAM

2024

10%

OFERTA
DE TILÁPIA

EMPRESAS
INVESTINDO
NO SETOR

2025

3%

CRESCIMENTO
ECONÔMICO

+ TRABALHO
+ RENDA
+ CONSUMO

US\$ 100 MILHÕES

EM EXPORTAÇÃO PARA OS EUA

de motor das exportações brasileiras de filé fresco de tilápia. “Se não houver medidas protecionistas por parte do governo americano, o Brasil poderá se consolidar como o maior exportador de filé fresco de tilápia para aquele país, alcançando a marca de US\$ 100 milhões em exportações, um feito inédito para o setor”.

OLHAR PARA O FUTURO. A inovação tecnológica desponta como um dos principais pilares para impulsionar a produtividade e a competitividade do setor de peixes em 2025. Entre as tendências mais promissoras estão o melhoramento genético, que já permite variedades de peixes mais precoces, resistentes a doenças e com melhor conversão alimentar, e a nutrição de precisão, com rações mais eficazes e aditivos que promovem ganhos de desempenho.

Além disso, a tecnologia digital transforma a piscicultura com o uso de inteligência artificial, automação e internet das coisas, como alimentadores e aeradores automáticos, sensores conectados a aplicativos que monitoram a qualidade da água e tecnologias para medir a biomassa dos peixes. “A atividade também segue a tendência de modernização da indústria 4.0, buscando competitividade”, destaca Gregolin.

O Brasil já é o quarto maior produtor de tilápia do mundo, ficando atrás somente da China, Indonésia e Egito, mas para que o País se consolide como um dos líderes globais na produção e exportação de peixes, Gregolin aponta a necessidade de superar desafios estruturais. Ele destaca a aprovação da reforma tributária como um marco importante para estimular investimentos, já que o pescado passou a integrar a cesta básica, com imposto zero, e a piscicultura alcançou isonomia tributária na ração, comparável à avicultura e à suinocultura. “Além disso, é essencial resolver entraves no licenciamento ambiental e avançar com políti- ▶

cas de crédito e assistência técnica para os pequenos produtores”, afirma.

Por isso, conforme alerta o especialista, o grande desafio para o próximo período é como crescer em um mercado muito promissor, porém, cada vez mais competitivo. “A tendência, da mesma forma como ocorreu em outras cadeias, é a profissionalização e a concentração. Desta forma, frente as oportunidades que se apresentam, é preciso adotar estratégias cada vez mais robustas de modernização tecnológica, de gestão eficiente dos empreendimentos e de cooperação. Tanto empresas quanto produtores precisam implementar medidas no campo do associativismo e cooperativismo. Temos um ‘mar de oportunidades’ pela frente e precisamos que milhares de pessoas sejam beneficiárias dos frutos que este setor produzirá”, salienta Gregolin.

PEIXE BR. Em 2024, o setor de piscicultura no Brasil apresentou avanços expressivos, impulsionados por um aumento significativo na produção, especialmente de tilápia, e pela recuperação nos preços pagos aos produtores de peixes nativos. Segundo Francisco Medeiros, presidente executivo da Associação Brasileira da Piscicultura (Peixe BR), o ano foi atípico em comparação a 2023, refletindo tanto fatores climáticos quanto econômicos.

“No Sudeste e Sul, tivemos um frio mais ameno, o que permitiu que os peixes continuassem se alimentando e crescendo nas estações mais frias, ampliando a oferta de peixes no mercado”, explica Medeiros. Essa particularidade climática, aliada ao aumento da produção, moldou o cenário do setor em 2024.

No campo das exportações, o desempenho foi histórico, impulsionado principalmente pela tilápia, consolidando 2024 como “o melhor ano da história” para o comércio exterior do setor, de acordo com Medeiros.

As exportações brasileiras de peixes cultivados, lideradas pela tilápia, tiveram um desempenho notável em 2024, com destaque para o mercado americano, que consome mais de 90% da produção exportada. A tilápia, uma commodity internacional, consolidou sua presença nos Estados Unidos, maior importador mundial de filé fresco dessa espécie e um mercado geograficamente próximo ao Brasil.



“SOMOS O QUARTO MAIOR PRODUTOR MUNDIAL DE TILÁPIA, MAS O PRIMEIRO EM TECNOLOGIA”, AFIRMA FRANCISCO MEDEIROS

“Em 2023, fomos o quarto maior exportador de filé fresco de tilápia para os Estados Unidos; neste ano, já ocupamos a segunda posição. Em 2025, certamente seremos os primeiros”, projeta Francisco. Essa ascensão reflete tanto a competitividade da tilapicultura nacional quanto esforços estratégicos realizados por entidades como a Peixe BR, o Ministério da Agricultura e Pecuária (MAPA) e o Food and Drug Administration (FDA).

Uma mudança técnica promovida pelo FDA, que dispensou a obrigatoriedade do Certificado Sanitário Internacional para a entrada do filé fresco nos EUA, foi decisiva para essa expansão. “Essa burocracia muitas vezes atrasava nossos voos, comprometendo a agilidade necessária para um produto que precisa chegar ao destino em até 48 horas após sair da água”, explica Medeiros. A medida, somada ao aumento da eficiência logística e da qualidade do produto, tem ampliado significativamente a participação brasileira no mercado americano, apontando para um crescimento ainda maior em 2025.

SUSTENTABILIDADE E INOVAÇÃO. A piscicultura brasileira destaca-se no cenário global como a atividade mais sustentável do País, com a tilapicultura consolidada como a mais sustentável do mundo. Segundo o presidente executivo da Peixe BR, esse status é alcançado graças a fatores como a baixa con-

versão alimentar dos peixes cultivados – em sua maioria onívoros, como a tilápia e o tambaqui – e a rígida legislação ambiental que regula a atividade no Brasil. “A proteína mais sustentável produzida hoje é a de peixes de cultivo. Seguimos nesse caminho porque, além de ser ambientalmente responsável, traz retorno econômico ao setor produtivo”, explica Medeiros.

Entretanto, desafios regulatórios ainda afetam a competitividade. “Muitas vezes, perdemos espaço porque os órgãos reguladores extrapolam o limite do que é viável economicamente”, alerta.

No campo das inovações, o Brasil lidera globalmente em tecnologia aplicada à tilapicultura, superando grandes produtores em eficiência e inovação. “Somos o quarto maior produtor mundial de tilápia, mas o primeiro em tecnologia”, afirma Medeiros. Essa liderança é evidente na produtividade por viveiro escavado, que atinge níveis recordes no oeste do Paraná, e no uso de soluções avançadas em genética, ração e sanidade.

A máquina de vacinação automática de tilápia, desenvolvida no Brasil e pioneira no mundo, é um exemplo do protagonismo nacional. “Essa tecnologia é emblemática da capacidade inovadora do setor, que continua atraindo investimentos e ampliando sua competitividade global”, diz Medeiros que conclui: “Em inovação, especialmente em tilapicultura, estamos na vanguarda do segmento e devemos continuar nos próximos anos em função do perfil empreendedor do nosso produtor, que trabalha com foco em escala, tecnologia e qualidade”. ■

“A INOVAÇÃO TECNOLÓGICA DESPONTA COMO UM DOS PRINCIPAIS PILARES PARA IMPULSIONAR A PRODUTIVIDADE E A COMPETITIVIDADE DO SETOR DE PEIXES EM 2025”, DESTACA ALTEMIR GREGOLIN



#Conectados

Onde tem **agro**,
tem Feed&Food



feedfood.com.br



FEED & FOOD
XCLUSIVE

ASPECTOS DA
CARCINICULTURA
MUNDIAL E BRASILEIRA
NO ANO DE 2024
E PERSPECTIVAS
PARA 2025

ITAMAR ROCHA

No contexto internacional da produção e comercialização do camarão marinho cultivado, cuja espécie *Penaeus vannamei*, originada do Oceano Pacífico, foi introduzida no Continente Asiático, o berço do *Penaeus monodon*, através da China, apenas em 1999, mas se disseminou pela Tailândia, Indonésia (2002), Vietnã (2004), Índia (2005), de tal ordem, que já participa com 80% da produção mundial setorial.

Por outro lado, em face da crise mundial, de demanda e preços baixos, que se agravou na esteira da crise econômica mundial pós pandemia, foi criado o Fórum Global de Camarão, em cuja 2ª Conferência, realizada na Índia, em julho, 2024, o tema central foi as preocupações sobre como a indústria do camarão marinho cultivado, que produz e fornece uma proteína saudável e ecologicamente

sustentável, pode continuar a crescer, para atender à crescente demanda mundial, com a indispensável sustentabilidade econômico-financeira.

Na verdade, dentre as várias sugestões, se destacaram sempre, a necessidade de se associar o camarão marinho cultivado, aos benefícios e atrativos relacionados à agenda do “alimento azul”, chamando a atenção sobre a necessidade do camarão seguir o exemplo do salmão, como forma de se tornar uma das proteínas nobres e sustentáveis do futuro, aliás, trilhando o mesmo caminho, de forma que “o rosa, possa encontrar o laranja”.

Nesse contexto, dentre as sugestões para nortear uma campanha de marketing global, para incentivar o consumo de camarão, as que tiveram como destaques foram: (1) criar uma marca global; (2) destacar os benefícios

do camarão para a saúde; (3) ensinar os consumidores sobre a correta preparação da iguaria camarão; (5) transformar o camarão numa apetitosa experiência gastronômica; (6) “Destacar o Camarão” nos cardápios do setor de serviços de alimentação; (7) fazer do camarão, além do mero reconhecimento ou preferência gastronômica, uma marca de amor, de forma a evocar fortes conexões emocionais e lealdade por parte de seus consumidores; (8) contribuir para que o aumento do consumo, beneficie toda a cadeia produtiva do camarão e, (9) tornar a indústria do camarão mais forte e rentável.

Do ponto de vista internacional, não há dúvidas de que o desafio será a ampliação do consumo de camarão nos atuais mercados líderes nas importações setoriais, notadamente na China, EUA, EU e Japão, mas evidentemente, dispensando uma maior ►



SITUAÇÃO DA PRODUÇÃO DE CAMARÃO CULTIVADO NO BRASIL EM 2024

Área de viveiros 35.000 HA	Produção 210.000 TON
Vendas (mercado local) 100%	Camarão fresco 60% Camarão congelado 40%
3.500 produtores	150.000 empregos gerados
2.450 micro (70%) 525 pequeno (15%) 350 médio (10%) 175 grande (5%)	R\$ 6,3 BILHÕES Receita total da cadeia produtiva em 2024



atenção e foco na abertura e ampliação do consumo nos mercados emergentes, com potencial de crescimento, a exemplo da Indonésia e Índia, está última, com a maior população mundial e que consome apenas 100 gramas de camarão per capita por ano, mas que a exemplo da China e Brasil, possuem condições favoráveis para se tornarem importantes consumidores.

No caso específico do Brasil, o papel do mercado interno, entre 2016 (60.000 t) e 2024 (210.000 t), foi crucial para a recuperação da produção e crescimento setorial (250%), considerando que o consumo interno do camarão marinho cultivado, saiu de 200 gramas em 2003, para 900 g em 2023 (450%), mesmo tendo presente que 60% de toda sua produção tem sido ofertada na forma de camarão fresco, com vida de prateleira de 4-6 dias, o que associado ao fato de que, das 5.500 ci-

dades brasileiras, 5.250 possuem menos de 100.000 habitantes (100 milhões de pessoas), que não são atendidas com camarão fresco (in natura).

Por isso, não temos dúvidas de que o aumento do consumo per capita de camarão pelo Brasil, precisa passar prioritariamente, pelo incremento da oferta de camarão processado e com valor agregado, com vida de prateleira de até 24 meses, embora, evidentemente, pela sua excepcional capacidade de crescimento, já demonstrada entre 1998 e 2003, notadamente com a crescente interiorização da sua produção, inevitavelmente, a médio prazo, será inevitável o retorno às exportações, sob pena de ocorrer um estrangulamento do mercado, ou mesmo, um colapso setorial.

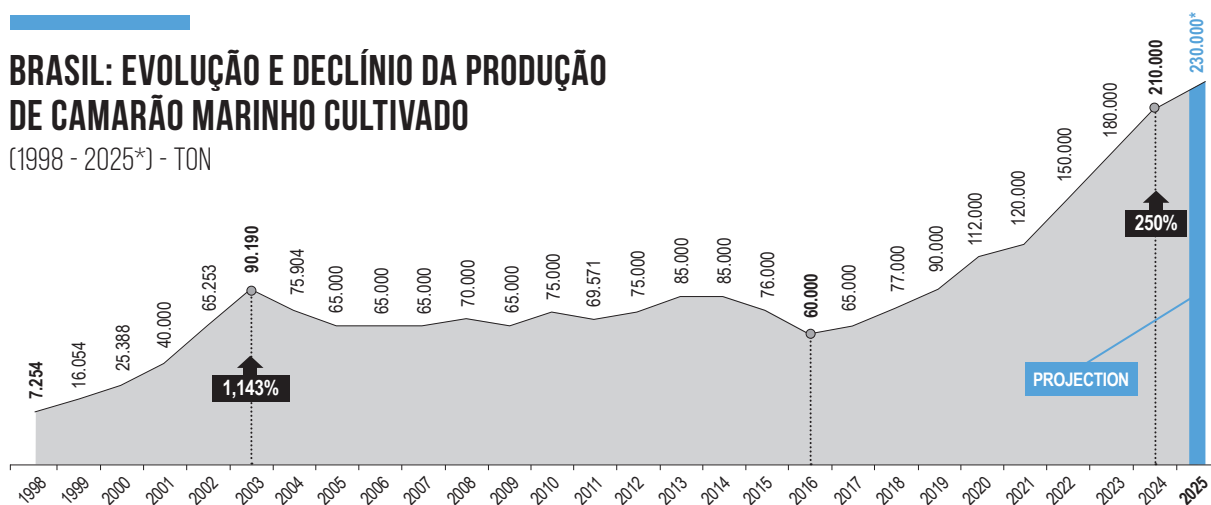
Já com relação ao contexto internacional, o objetivo prioritário da carcinicultura brasileira, será até 2030,

realizar as exportações de pelo menos 40% da sua produção de camarão inteiro, nas classificações pequeno-médias (70-80, 80-100 e 100-120), notadamente para a China, para atender a gigantesca base da sua pirâmide consumidora, sem competir com o Equador (25-45 gramas) e Índia (18-25 gramas), seus principais fornecedores de camarão em 2023 e 2024.

Já no front interno, os desafios, em curto e médio prazos, será aumentar o percentual do camarão processado, dos atuais 40% para 80%, de forma que, sua produção projetada, de 500.000 t (2030), seja exportada, pelo menos, 40% (200.000 t), o que reduzirá a pressão sobre o mercado interno, que por sua vez, deverá ser abastecido com 20% de camarão fresco e 80% com camarão processado, com valor agregado, cujo aumento da vida de prateleira, permitirá a ampla interiorização

BRASIL: EVOLUÇÃO E DECLÍNIO DA PRODUÇÃO DE CAMARÃO MARINHO CULTIVADO

(1998 - 2025*) - TON

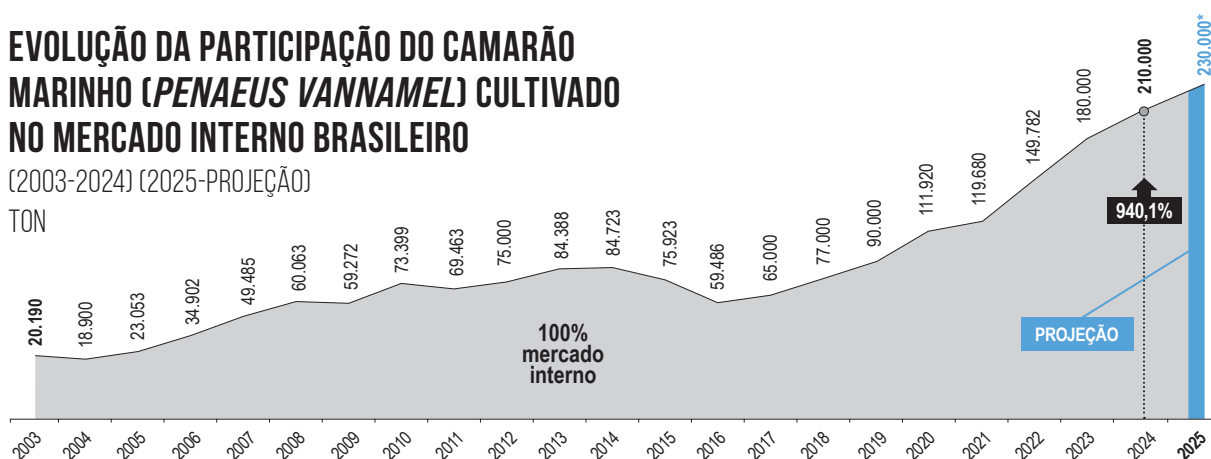


* projeção / fonte: ABCC, 2025

EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DO CAMARÃO MARINHO (*PENAEUS VANNAMEI*) CULTIVADO NO MERCADO INTERNO BRASILEIRO

(2003-2024) (2025-PROJEÇÃO)

TON



* projeção / fonte: ABCC, 2025

da sua distribuição e do seu consumo.

Na verdade, quando se considera que a carcinicultura marinha, apresenta reais perspectivas de se constituir uma nova e sólida ordem econômica do setor primário brasileiro e, mesmo estando 100% focada no atendimento do mercado interno, certamente que em breve, pela impossibilidade de ingerência e controle da sua produção, terá que voltar ao mercado internacional, cujo histórico de exitosa participação, começou a se materializar no final dos anos 90 e início dos anos 2.000, quando de um lado, a sua produção de camarão cultivado, evoluiu de 3.600 t (1997) para 90.190 t (2003) e, de outro, suas exportações, passaram de 400 t / US\$ 2,8 milhões em 1998 para 58.455 t / US\$ 226,0 milhões em 2003.

Portanto, sem querer ser pretensioso em competir com o Equador, ou qualquer outro país, mas com base

num intenso vivenciamento e conhecimento das potencialidades brasileiras e mundiais, bem como, diante das vantagens comparativas e competitivas que o Brasil possui em todas suas macrorregiões, para a produção de camarão marinho cultivado, não temos dúvidas de que brevemente será despertada a atenção de investidores internacionais, de forma que, num curtíssimo prazo, o Brasil passará a receber uma maior atenção dos Governos Estaduais e dos seus mais de 300 municípios, que estão enxergando a carcinicultura marinha, nos seus interiores, como uma nova ordem econômica, que não depende de investimentos estruturadores, nem de chuvas, mas apenas da concessão de licenciamentos ambientais e incentivos para atrair os abundantes capitais internacionais, estabelecendo uma ordem econômica, suficientemente sólida e atrativa, para reverter o êxodo rural. ■



Itamar Rocha, Engº de Pesca, CONFEA 180505020 (1ª Turma do Brasil - UFRPE-1974), presidente da ABCC, diretor do DEAGRO/FIESPE, conselheiro do CONAPE e da CSPA

PESQUISADORES APRESENTAM INOVAÇÃO NA PRODUÇÃO DE ACTIVE FEED A PARTIR DO CLADÓCERO *DAPHNIA MAGNA* (PULGA D'A ÁGUA)

TRABALHO CONJUNTO DA ABCC COM O SETOR ACADÊMICO TEM COMO FOCO **MELHORAR O CRESCIMENTO E IMUNIDADE DO CAMARÃO MARINHO *PENAEUS VANNAMEI***

ALFREDO OLIVERA GÁLVEZ, SOFIA PEREIRA MATOS, MARIANNE LIMA,
JESSIKA LIMA DE ABREU, BARBARA DE CASSIA SOARES BRANDÃO
E CLARISSA VILELA FIGUEIREDO DA SILVA CAMPOS

A ABCC em trabalho conjunto com o setor acadêmico apresenta inovações e pesquisas onde a utilização de cladóceros na carcinicultura tem ganhado destaque devido à sua alta concentração de proteínas, lipídios e ácidos graxos poliinsaturados, oferecendo uma excelente alternativa para aprimorar a nutrição, a performance de crescimento e o estado imunológico dos camarões cultivados (HUANG et al., 2023). Tais inovações nutricionais promovem a regulação de genes associados à resposta imune, ao estresse e ao combate a patógenos oportunistas, conforme demonstrado por diversos estudos (GUO et al., 2013). Dessa forma, o desenvolvimento de tecnologias inovadoras e sustentáveis, que utilizam microrganismos bioativos, desempenha um papel crucial na melhoria do crescimento, da resistência imunológica e da capacidade de enfrentamento de estresses ambientais pelos camarões, impactando diretamente na expansão sustentável desse setor.

No contexto da intensificação da carcinicultura, diversos estudos têm sido realizados para avaliar o impacto de dietas enriquecidas com aditivos funcionais no desempenho zootécnico, no estado imunológico e na atividade antioxidante do camarão

Penaeus vannamei (ABDEL-LATIF et al., 2022). Esses aditivos, conhecidos como "active feed" (alimento ativo), são compostos por organismos que contêm moléculas bioativas, como o fitoplâncton, que podem servir como uma fonte suplementar de alimento para os camarões (HUANG et al., 2023). Além disso, tanto o fitoplâncton quanto o zooplâncton demonstram a capacidade de competir por nutrientes no ambiente, o que pode ajudar a reduzir a prevalência de *Vibrio* spp. nos sistemas de cultivo, diminuindo assim as ocorrências de doenças na fase de berçário (ERKEN et al., 2015). Estudos já evidenciaram que o uso de microalgas como ingrediente dietético na alimentação de organismos aquáticos promove o aumento do crescimento e a melhoria da morfologia gastrointestinal, uma vez que essas microalgas sintetizam biomoléculas de alto valor nutricional. No entanto, devido ao hábito alimentar das pós-larvas de camarão, a introdução de microalgas nos cultivos é frequentemente associada ao uso de organismos zooplânctônicos (LAVENS e SORGELOOS, 1996), com destaque para os cladóceros, que são ricos em proteínas, lipídeos, aminoácidos e ácidos graxos poliinsaturados.

O objetivo dessa pesquisa inovadora foi demonstrar que dietas

enriquecidas com bioativos provenientes de fito e zooplâncton promovem melhorias no crescimento e na imunologia de camarões marinhos da espécie *Penaeus vannamei*.

Conforme Campos et al (2024), em artigo publicado recentemente na Revista ABCC - Edição FENACAM'24, página 30, foram avaliadas três dietas para pós-larvas de camarão marinho (*Penaeus vannamei*): **1)** uma dieta baseada exclusivamente na ração padrão comercial, utilizada como controle (C); **2)** a suplementação da ração comercial com farinha de *Daphnia magna* enriquecida com a microalga *Haematococcus pluvialis* (RDH); e **3)** a suplementação da ração comercial com um suplemento comercial específico (RSC). O delineamento experimental foi completamente casualizado, com três repetições para cada tratamento, totalizando nove unidades experimentais. O experimento foi conduzido no Laboratório de Maricultura Sustentável - LAMARSU, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), localizada em Pernambuco, Brasil.

O processo de enriquecimento da *Daphnia magna* com a *Haematococcus pluvialis* na fase cística se deu antes da produção da farinha. As pulgas d'água foram coletadas da produção, depuradas por 30 min, e enriquecidas

com *Haematococcus pluvialis* por duas horas. Logo após as Daphnias foram filtradas em malha de 300 µm, armazenadas a -18°C e depois liofilizadas para preservar os nutrientes, obtendo assim a farinha (Figura 1)

Analisando a performance de crescimento apresentada ao final do cultivo foi possível identificar diferenças significativas para as variáveis biomassa final, peso médio final, TCE e produtividade. O FCA não apresentou diferenças significativas, tendo resultados similares. Em geral, os tratamentos que tiveram a adição de ambos os suplementos atingiram os maiores resultados (Tabela 1).

Esses resultados demonstram que a farinha de *Daphnia magna* enriquecida com a microalga *Haematococcus pluvialis* na fase cística possibilitou uma performance de crescimento similar ao encontrado com um suplemento comercial. Trabalhos relatam a eficiência do uso de farinha de *Daphnia magna* como um potente estimulador de crescimento em peixes (*Mugil cephalus*) aumentando o crescimento em até 40% e como um possível substituto parcial da farinha de peixe (ABO-TALEB et al., 2021. TSENG et al. (2021) reportaram melhor desempenho de crescimento no camarão *Penaeus vannamei* a partir do uso da quitina e quitosana extraída da pulga d'água *Daphnia similis* como aditivo à ração. Estas evidências do potencial da farinha de *Daphnia magna* no crescimento de animais aquáticos impacta diretamente no tempo de cultivo, permitindo ao produtor uma despesa em menor tempo, diminuindo custos.

Quanto à análise de resposta imunológica preliminar a partir da contagem de células imunocompetentes, hemócitos, também foram encontradas diferenças significativas entre os tratamentos (Figura 2). No entanto, a sobrevivência foi similar entre os tratamentos ($p > 0,05$), com maior valor encontrado no RDH (98,36%) e o menor no R (92,00%) (Figura 2). Os camarões alimentados com a suplementação com *Daphnia magna* obtiveram maior número de hemócitos, implicando numa maior barreira de defesa contra agentes infecciosos.

Com base nos resultados obtidos, pode-se concluir que a suplementação com farinha de *Daphnia*

TABELA 1.

MÉDIA ± DESVIO PADRÃO DAS VARIÁVEIS DE CRESCIMENTO DO CAMARÃO MARINHO BRANCO DO PACÍFICO *PENAEUS VANNAMEI* CULTIVADO EM SISTEMA SIMBIÓTICO NA FASE BERÇÁRIO POR 33 DIAS COM A ADIÇÃO DA RAÇÃO COMO SUPLEMENTO À BASE DE FARINHA DE *DAPHNIA MAGNA* ENRIQUECIDA:

- Com microalga *Haematococcus pluvialis* na fase cística (RDH)
- Com a adição de Ração Suplemento Comercial (RSC)
- Sem adição de suplemento, ou seja, apenas a ração comercial padrão atuando como controle (R)

Parâmetros	R	RDH	RSC
Biomassa final (g)	48.78 ± 5.01 ^b	63.27 ± 3.37 ^a	64.02 ± 3.05 ^a
Peso médio final (g)	0.435 ± 0.048 ^b	0.536 ± 0.020 ^a	0.564 ± 0.021 ^a
FCA = Fator de conversão alimentar.	1.11 ± 0.09 ^a	1.05 ± 0.05 ^a	0.98 ± 0.05 ^a
TCE = Taxa de crescimento específico (% dia ⁻¹)	13.52 ± 0.34 ^b	14.16 ± 0.11 ^a	14.32 ± 0.14 ^a
Produtividade (kg m ⁻³)	1.22 ± 0.12 ^b	1.58 ± 0.08 ^a	1.60 ± 0.08 ^a

*Letras diferentes entre as colunas indicam diferenças estatísticas por meio do teste de Tukey ($p < 0,05$).



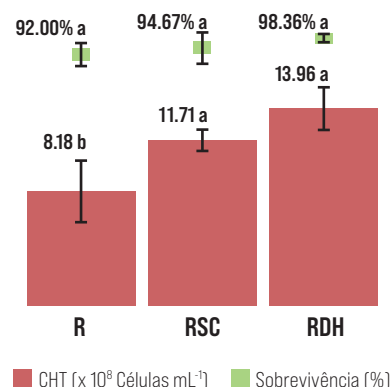
FIGURA 1. PULGA D'ÁGUA *D. MAGNA* IN VIVO VISTA A OLHO NU E AO MICROSCÓPIO (A), BIOMASSA ÚMIDA DE *D. MAGNA* (B), E FARINHA DE *D. MAGNA* SECA POR LIOFILIZAÇÃO (C)

magna enriquecida com a microalga *Haematococcus pluvialis* na sua fase cística, incorporada à dieta do camarão branco do Pacífico (*Penaeus vannamei*), gerou resultados comparáveis aos de um suplemento importado no que diz respeito ao crescimento, além de apresentar benefícios superiores no aumento da imunidade. Essas novas descobertas contribuem significativamente para a identificação de fontes alternativas de proteína com potencial para promover o crescimento e melhorar a saúde do camarão marinho *Penaeus vannamei*. Nesse contexto, um grupo de pesquisadores criou a startup *Daphnia Prime*, com o objetivo de explorar o mercado de camarões marinhos. Importantes parcerias estão sendo estabelecidas com as empresas Potiporã e Carapitanga indústria de pescados do Brasil LTDA, visando fortalecer essa iniciativa. ■

FIGURA 2.

CONTAGEM DE HEMÓCITOS TOTAIS (COR ROSA) E SOBREVIVÊNCIA (COR VERDE) ENCONTRADOS NO CAMARÃO MARINHO BRANCO DO PACÍFICO (*PENAEUS VANNAMEI*) ALIMENTADOS APENAS:

- Com ração (R)
- Ração e suplemento comercial (RSC)
- Ração com farinha da pulga d'água *Daphnia magna* enriquecida com *Haematococcus pluvialis*



*Diferentes letras entre as barras indicam diferenças estatísticas ($p < 0,05$) entre os tratamentos após aplicação do teste de Tukey.

Alfredo Olivera Gálvez, Sofia Pereira Matos e Marianne Lima, da Universidade Federal Rural de Pernambuco - Recife/PE. Laboratório de Maricultura Sustentável - LAMARSU. Jessika Lima de Abreu, Barbara de Cassia Soares Brandão e Clarissa Vilela Figueiredo da Silva Campos, da startup *Daphnia Prime*, Recife/PE. daphniaprime@gmail.com



O BRASIL CONDUZINDO OS PAÍSES TROPICAIS DO PLANETA TEM GIGANTESCAS OPORTUNIDADES

Ano de COP30. Ano de polarizações e conflitos verborrágicos e materiais gigantescos alavancados por redes sociais, desinformação, fake news. Brics versus USA de Trump. Norte versus Sul. Putin e sua potência militar russa, um leste europeu versus uma Europa invadida por imigrantes sofridos, e com muitos “pueblos” vazios, numa guerra ecológica e política partidária, com temor de insegurança energética.

Árabes versus judeus no Oriente Médio. E na América Latina o regresso de imigrantes, e um certo olhar com “desdém” de Donald Trump afirmando: “eles precisam muito mais de nós, do que nós deles”, e promessa de taxas de importação etc.

Dessa forma, quando olhamos toda origem do agro brasileiro, hoje a quarta maior agricultura do planeta, a maior em diversos produtos como na proteína animal, a mais regenerativa do mundo, e a única que pode dobrar de tamanho nos próximos 12 anos sem tirar uma só árvore sequer, evidentemente o que está nos faltando, e muito, é uma estratégia geoplanetária de posicionamento e de presença brasileira percebida.

E quando olhamos do trópico de Câncer ao trópico de Capricórnio: “o tropical belt”, o cinturão tropical da terra temos ali o conhecimento real, desenvolvido fortemente nos últimos 50 anos, onde os institutos agrônômicos, universidades e a Embrapa mostram ao que vieram. Da mesma forma as cooperativas, e o empreendedorismo brasileiro, de produtoras e produtores rurais, como de empresários ao longo de toda a cadeia produtiva, no que fortemente se destacam as proteínas animais brasileiras.

Mas aí está a questão. Não basta falarmos somente de Brasil. Precisamos propor, coordenar e convidar uma “cooperação dos países tropicais do mundo para enfrentar a insegurança alimentar, energética, desigualdade social e mudança climática”.

Por quê? Muito simples, os países de clima temperado e suas agriculturas estão no seu limite. São milenares. Os Estados Unidos não são milenar, porém atua com capital intensivo e tecnologia de ponta em toda sua extensão, sendo o maior agronegócio do mundo.

A pergunta é: “podem crescer?” Não, podem aperfeiçoar, mas não podem atender ao

futuro que promete atingir 10 bilhões de pessoas em 2050, e mais do que isso, elevar a renda per capita de populações gigantescas como China, Indonésia, Índia, dentre outras.

Olhe no mapa. Veja a dimensão das áreas de clima temperado. Exclua as zonas polares. Observe nas áreas subtropicais o quanto são dependentes e impactadas exatamente pela faixa tropical do mundo. Então vamos concluir que está exatamente nos trópicos o maior m2 útil da terra. E que se não desenvolvermos todo esse cinturão tropical não haverá meio ambiente, responsabilidade social, segurança alimentar, será impossível efetivar, por exemplo, os 17 ODS da ONU.

Por isso, temos uma chance espetacular de uma coordenação para a cooperação e desenvolvimento das nações situadas no cinturão tropical do planeta terra. E efetivarmos para valer o conceito: “Brazil + tropical belt nations for one planet, one health”.

Nas nossas tecnologias sabemos o quanto o que adaptamos e criamos no Brasil serve para toda faixa tropical. Na genética animal, vegetal, na mecanização, no biogás, nas práticas conservacionistas, na educação, no cooperativismo, na administração. Portanto, vamos sair fora das polarizações que irão dominar o mundo neste ano e que não nos farão bem se permitirmos que nos distraia e roube nosso foco. Portanto, vamos ao mundo, não sozinhos, mas cooptando e juntos com todas as nações tropicais, e as partes tropicais das nações de outros biomas também.

Realizaremos três seminários na França, em fevereiro, exatamente sobre essa visão acima. Será no campus acadêmico da Audencia Business School em Nantes e também numa visita ao Salão de Agricultura de Paris. O tema também estará presente no evento Rio + Agro no Rio Centro, no final de setembro e início de outubro desse ano, bem como no 10º CNMA – Congresso Nacional das Mulheres do Agronegócio em outubro.

Gigantesca oportunidade de posicionamento do Brasil perante o mundo, além das nossas fronteiras, ao lado de todo cinturão tropical terrestre.

A cooperação das nações tropicais e subtropicais do planeta para a legítima segurança da vida na terra. O legado brasileiro. ■



José Luiz Tejon

é doutor em Educação pela Universidad de La Empresa/Uruguai, mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie, jornalista e publicitário com especializações em Harvard, MIT, Pace University (EUA) e Insead (França). Colunista da Rádio Eldorado e Estadão On-line, autor e coautor de 35 livros. Coordenador acadêmico de Master Science Food & Agribusiness Management pela Audencia em Nantes (França) e FECAP. Sócio diretor da Biomarketing e da TCA International. Profissional Head Agro Anefac. Prêmio Personalidade Agro ABAG 2023. Ex-diretor do Grupo Estadão, da Agroceres e da Jacto S/A.



A PROTEÍNA ANIMAL PASSA POR VÁRIAS ETAPAS ATÉ CHEGAR À SUA MESA, E A ADM ESTÁ EM TODAS.



NO CAMPO



NA PRODUÇÃO



NA FÁBRICA



NA PRATELEIRA

Na ADM acreditamos que mesmo pequenos passos podem levar a um grande impacto. Há mais de 120 anos, trabalhamos lado a lado com os clientes, combinando experiência, inovação e paixão pela nutrição animal. Com alcance global, buscamos resolver desafios da indústria, promovendo negócios para sustentar nossas gerações futuras. Vamos sustentar juntos o futuro, onde cada fazenda e cada negócio contam para um amanhã melhor.

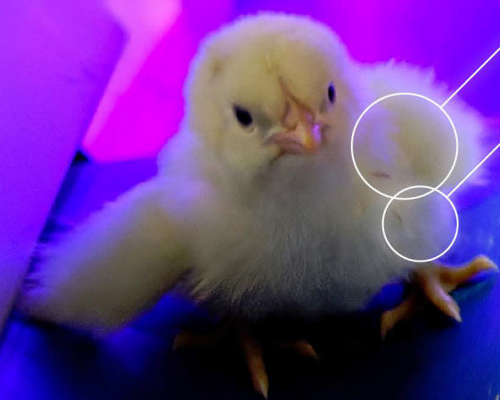
Nutrindo hoje o nosso amanhã.



Genesys[®]

GENDER SORTING SYSTEM

ESCANEIE O
QR CODE
PARA ACESSAR O
FOLHETO DIGITAL
COMPLETO



0.00.8939124

0.00.8939129

Male	♂	Female	♀
✓			✗

FLOCK ACCURACY: 97%

PRECISÃO desde o princípio é nossa prioridade,
Ceva **GENDER SORTING SYSTEM** para frangos de corte.



CEVA.COM